EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA:

Discussões e desafios

José Carlos Guimaraes Junior

Mirna Karoline Leal Cavalcanti Manso

Francisco Andesson Bezerra da Silva

Francisco Carneiro Braga

Hellyegenes de Oliveira

Roberto Lopes Sales

Maria Fabiana de Lima Santos Lisboa

[ORGANIZADORES]

ARCO EDITORES

EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA:

Discussões e desafios

José Carlos Guimaraes Junior

Mirna Karoline Leal Cavalcanti Manso

Francisco Andesson Bezerra da Silva

Francisco Carneiro Braga

Hellyegenes de Oliveira

Roberto Lopes Sales

Maria Fabiana de Lima Santos Lisboa

[ORGANIZADORES]

ARCO EDITORES

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva
UNIDAVI/SC
http://lattes.cnpq.br/8318350738705473

Profa. Msc. Jesica Wendy Beltrán
UFCE- Colômbia
http://lattes.cnpq.br/0048679279914457

Profa. Dra Fabiane dos Santos Ramos
UFSM- Santa Maria/RS
http://lattes.cnpq.br/0003382878348789

Dr. João Riél Manuel Nunes Vieira de Oliveira Brito
UAL - Lisboa- Portugal.
http://lattes.cnpq.br/1347367542944960

Profa. Dra. Alessandra Regina Müller Germani
UFFS- Passo Fundo/RS
http://lattes.cnpq.br/7956662371295912

Prof. Dr. Everton Bandeira Martins
UFFS - Chapecó/SC
http://lattes.cnpq.br/9818548065077031

Prof. Dr. Erick Kader Callegaro Corrêa
UFN- Santa Maria/RS
http://lattes.cnpq.br/2363988112549627

Prof. Dr. Pedro Henrique Witchs
UFES - Vitória/ES
http://lattes.cnpq.br/3913436849859138

Prof. Dr.Thiago Ribeiro Rafagnin
UFOB
http://lattes.cnpq.br/3377502960363268

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler
UFSM- Santa Maria/RS
http://lattes.cnpq.br/5754140057757003

Profa. Dra. Liziany Müller
UFSM- Santa Maria/RS
http://lattes.cnpq.br/1486004582806497

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza
UNISC- Santa Cruz do Sul/RS
http://lattes.cnpq.br/4407126331414

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio
UFRGS - Porto Alegre/RS
http://lattes.cnpq.br/7823646075456872

Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch
UFSM- Palmeira das Missões/RS
http://lattes.cnpq.br/0639803965762459

Prof. Dr. Leandro Antônio dos Santos
UFU– Uberlândia/MG
http://lattes.cnpq.br/4649031713685124

Dr. Rafael Nogueira Furtado
UFJF- Juiz de Fora/MG
http://lattes.cnpq.br/9761786872182217

Profa. Dra. Angelita Zimmermann
UFSM- Santa Maria/RS
http://lattes.cnpq.br/7548796037921237

Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch
UFN - Santa Maria/RS
http://lattes.cnpq.br/4400702817251869

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação contemporânea [livro eletrônico] : discussões e desafios. -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2022.
PDF

Vários autores.
Vários organizadores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-89949-95-4

1. Artigos - Coletâneas 2. Educação - Coletâneas 3. Educação - Finalidades e objetivos.

22-109973 CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Coletâneas 370

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

10.48209/978-65-89949-95-4

Diagramação e Projeto Gráfico : Gabriel Eldereti Machado

imagem capa: www.canva.com

Revisão: dos/as autores/as.

Esta obra é de acesso aberto.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

ATIVIDADES LÚDICAS PARA REALIZAR COM BEBÊS DE 8 MESES A DOIS ANOS DE IDADE.....7

Bruna Leticia Cagalli de Mello
Francisco Carneiro Braga
José Carlos Guimaraes Junior
Fernando Augusto de Lima Oliveira
Anderson Francisco Vitorino
Valquíria Ferreira Ribeiro
Janaína Arruda Marques
Charle Ferreira Paz
doi: 10.48209/978-65-89949-95-1

CAPÍTULO 2

A RELEVÂNCIA DAS PRÁTICAS DE TREINAMENTO PARA A POTENCIALIZAÇÃO DAS VENDAS NUMA EMPRESA DE COSMÉTICOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL.....24

José Carlos Guimaraes Junior
Paulo Roberto Ribeiro Marinho
Francisco Carneiro Braga
Jefferson Davi Ferreira dos Santos
Katia Regina Araújo de Alencar
Pablo Luiz Martins
Ruth Trindade Ferreira
doi: 10.48209/978-65-89949-95-2

CAPÍTULO 3

A IMPORTÂNCIA DA EQUOTERAPIA PARA O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: BENEFÍCIOS DETECTADOS A PARTIR DA LITERATURA CIENTÍFICA NACIONAL.....52

Bruna Leticia Cagalli de Mello
José Carlos Guimaraes Junior
Valquíria Ferreira Ribeiro
Francisco Carneiro Braga
Roberto Lopes Sales
Erliandro Felix Silva
Jean Carlos Triches
Welligton Santos de Paula
Antônio Ciro Pereira Soares
doi: 10.48209/978-65-89949-95-3

CAPÍTULO 4

O USO DO POWERPOINT COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE JOGOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ESTUDANTES SURDOS NO 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I.....70

Erliandro Felix Silva
Antônio José Araújo Lima
William Velozo Francioni
doi: 10.48209/978-65-89949-95-0

SOBRE OS ORGANIZADORES.....103

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES.....107

10.48209/978-65-89949-95-1

CAPÍTULO 1

ATIVIDADES LÚDICAS PARA REALIZAR COM BEBÊS DE 8 MESES A DOIS ANOS DE IDADE

Bruna Leticia Cagalli de Mello; Francisco Carneiro Braga
José Carlos Guimaraes Junior; Fernando Augusto de Lima Oliveira
Anderson Francisco Vitorino; Valquíria Ferreira Ribeiro
Janaína Arruda Marques e Charle Ferreira Paz

Resumo: Neste objetivou-se a identificação das atividades lúdicas para desenvolver com os bebês de 8 meses a dois anos de idade- fazendo usos de brincadeiras, brinquedos e materiais do nosso dia– a dia, buscando o desenvolvimento da aprendizagem dos bebês e das crianças desde muito novos. Utilizou-se como métodos de pesquisa, a revisão de literatura com os seguintes assuntos: brincadeiras e brinquedos para os bebês, o brincar no berçário, atividades para berçário 1 e 2, atividades para berçário 1 e 2, atividades lúdicas e educativas, dentre outros. Através da realização dessa pesquisa conclui-se que: as brincadeiras, os brinquedos e desenvolvem um trabalho mais voltado a ludicidade o bebê ou a criança consegue se desenvolver melhor, aprende melhor as coisas, aguça a curiosidade, a imaginação, aprimora os movimentos, a coordenação motora, a destreza, ou seja, tudo da maneira mais divertida e muito mais prazerosa.

Palavras- chaves: Bebês; Atividades lúdicas; Ludicidade; Teaching.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar algumas atividades lúdicas para realizar com bebês de um a dois anos de idade para desenvolver o ensino aprendizagem.

A palavra Lúdico segundo o dicionário Aurélio significa: 1- Relativo a jogo, a brinquedo. Ou 2- que visa mais o divertimento que a qualquer objetivo.

Na educação o lúdico, faz sentido com o brincar, a criança aprende brincando, através de atividades criativas, divertidas, que chama a atenção dela, através das músicas, das danças, das histórias, da pintura, etc. Considera-se que é durante o ato de brincar que a criança passa a fortalecer suas percepções a respeito do meio social em que ela vive e interage com outras crianças (CATARINA et al. 2020).

As atividades lúdicas são muito importantes para o ensino aprendizagem porque desenvolve a imaginação, o saber perder, o ganhar, dentre outras situações inerentes a vida. Estas atividades também auxiliam no desenvolvimento da criatividade, do respeito, do saber a sua vez, por meio de atividade como as

brincadeiras que as crianças gostam de realizar (MALOTTI, 2014). Tudo isto contribui também para a socialização da criança em seus respectivos ambientes de convívio (DAMIANI, 2008).

Com as atividades lúdicas as crianças aprendem algo que seria difícil para ela caso fosse apresentado de uma outra forma. mas como é através do lúdico essa tarefa se torna mais divertida e leve, com as crianças aprendendo e se desenvolvendo em seu itinerário de vida. É acertado dizer que a utilização do lúdico nos processos de ensino e aprendizagem na educação infantil representa um elemento propulsor para o alcance de resultados positivos referentes ao aprendizado das crianças (MODESTO; SILVA; FUKUI, 2020).

Já na época dos egípcios, maias, romanos e incas já eram usadas estas ferramentas lúdicas para ensinar a valorização da cultura, desenvolver o intelectual, aprender sobre moral e educação, trabalha o equilíbrio, a lateralidade, as sensações, as emoções, o cuidado, e a higiene. O lúdico está também associado com liberdade e ação por meio de quem o pratica. No campo do ensino, mais precisamente na educação infantil, no que tange as discussões de como tornar as aulas mais atrativas para os alunos, a questão da ludicidade é mencionada como uma alternativa para fazer com que o aluno aprenda de forma leve e divertida (SOARES, 2010; SOARES et al., 2014).

Através das brincadeiras vai se desenvolvendo a aprendizagem, porque isto atiça a curiosidade, a interação com os demais, desenvolve o raciocínio logico, expressa melhor os sentimentos, desenvolve o respeito com os colegas, com as regras, a cooperação, a persistência, a determinação, a resolução de problemas, saber ouvir, falar, etc. (DAMIANI, 2008; MODESTO; SILVA: FUKUI, 2020; SOARES, 2010)

Por meio das brincadeiras a criança também consegue assimilar o conhecimento, a superar seus limites, desenvolve novas habilidades, saber a desen-

volver – se tanto individualmente quanto como em sociedade. A ludicidade também é muito importante para trabalhar a interpretação, a curiosidade, a memória. Esta prática está sendo cada vez mais usada nas metodologias de várias escolas, principalmente com as crianças pequenas, desde os bebês até as crianças maiores.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Para tal, a metodologia utilizada neste estudo é de caráter qualitativo pois tal abordagem oferece e possibilita uma visão para [...] o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” (MINAYO et al., 2009, p. 21).

Em relação aos objetivos, é uma pesquisa exploratória e descritiva (GIL, 2008) pois busca explorar os novos esclarecimentos realizados em estudos e pesquisas acerca das atividades lúdicas que são utilizadas para o processo de ensino aprendizagem que crianças ente 8 meses e 2 anos de idade.

No que concerne os procedimentos de pesquisa, o estudo caracterizou-se como bibliográfico que, segundo Gil (2008), é desenvolvida com base em material já elaborado, principalmente em artigos científicos e livros. A pesquisa foi realizada em meio virtual, em bases de dados confiáveis como Scielo, com artigos científicos e inclui também ambientes virtuais de estudos e pesquisas em medicina, psicologia e educação, com os descritores pandemia, processos cognitivos e prejuízos.

REVISÃO TEÓRICA

Segundo Oliveira (2017), as atividades que podem ser trabalhadas com bebês de um a dois anos de idade são muitas, e algumas delas são as atividades commúsica, com os sons. Brincar com o bebê com diferentes brinquedos sonoros

ou não,atiça a visão e junto dele o tato, porque o bebê antecipa as coisas com os olhos e depois quer conhecer com as mãos.

De acordo com Fritz (2014), apresentar e oferecer objetos de tamanhos e cores diferentes variando a distância, também ajuda neste aspecto. Disponibilizar utensílios de cozinha (panelas, colher, bacia, etc.) para reproduzir os sons também éoutro meio para ajudar o bebê na percepção de sons.

Ainda de acordo com Fritz (2014), outra atividade para desenvolver a voz e os sons é brincar com o bebê fazendo vozes mais grossas ou mais finas, falando maisrapidamente ou lentamente, também pode imitar os sons dos animais. Para as crianças que já sabem falar, pedir para elas reproduzir os sons dos animais, como o da vaquinha, do cachorrinho, do gatinho, da ovelhinha, etc.

Em concordância com Nova Escola (2021), o ato de cantar para os bebês também é uma atividade divertida e estimula a musicalização, cantando as músicas de roda, por exemplo, ou músicas que sejam fáceis de serem cantadas e decoradas.

Outra forma de trabalhar as músicas e as cantigas de roda com as crianças é usando a TV, pen drive, celular, com som e imagem para que as crianças possam vere imitar os movimentos, trabalhando assim não somente a visão, a voz e o tato, mas também todo o corpo. (SOUSA, 2018).

Concomitante com a Secretaria Municipal de Educação de Araraquara 2020), outras atividades para trabalhar o corpo, os movimentos, os gestos, é colocar o bebê “no banho de sol”, ou seja, em uma posição em que ele consiga ver as coisas ao redor. Por exemplo: em baixo de uma arvore, ou se a casa ou no berçário tiver um corredor, fazer uma cama de gato; fixar barbante com fita adesiva em várias direções e alturas na parede.

Conforme Brito Filho (2013), além disso, trabalhar com brincadeiras com bolas depano, de plástico, também é uma ideia para desenvolver os movimentos

e o corpo. Trabalhar com potes e tampas plásticas de tamanhos diversos para os pequenos acharem as tampas, empilhar, encaixar, também desenvolve a coordenação motora.Ao rosquear uma tampa por exemplo, a criança aprimora os movimentos das mãos etrabalha a concentração. Alguns brinquedos que já vem prontos para encaixar também é uma boa opção para ser utilizada.

Ainda conforme Brito Filho (2013), brincadeiras para desenvolver os espaços, os tempos, quantidades, relações e transformações são bem gostosas e prazerosas pararealizar com as crianças. Principalmente com os bebês. Brincar de esconder e acharos objetos, estimular a pele do bebê com pincéis que sejam macios, de tamanhos diversos, ou com uma pena, algodão, etc. Forrar o chão com tecidos para que ela brinque. Montar um tapete sensorial também é uma ideia muito criativa, criar materiaisdiferentes como o algodão, o feijão, uma lixa, plástico, bucha, etc. Neste tapete sensorial o bebê sente os espaços: o duro, o mole, o áspero, o macio e com isso trabalha a percepção e a sensação dos diversos materiais e objetos.

De acordo com Miranda (2012), outra brincadeira divertida e com certeza vai render muitos risos é fingir que os dedos do adulto são formiguinhas e vai fazendo cocegas no corpinho do bebê. É uma brincadeira bem tradicional e simples.

Concomitante com o estudo feito por Jesus (2020), uma atividade de percepção e exploraçãode novos ambientes é levar seu pequeno para um sitio, chácara, ou um lugar que eletenha contato com a natureza. O bebê pode tocar na terra, nas plantas, nas flores, escutar o vento, os passarinhos, o barulho do riacho. Isso ajuda no desenvolvimento sensorial do bebê. Pode ser trabalhado a textura e o cheiro também.

Segundo a Prefeitura de Araraquara (2018), outras atividades quecolaboram para os movimentos do corpo é segurar o bebê no colo, dançar, pular, ba-

lançar o corpinho dele, ouvindo diversos ritmos de músicas, mais devagar ou músicas mais rápidas. O bebê vai amar as sensações que esses movimentos despertam.

Na interpretação de Landers (2017), deitar o bebê de lado ou em cima da cama ou edredom também estimula os movimentos, rolando o corpinho dele de um lado para outro. Coloque as almofadas ou travesseiros para que o bebê role para os lados.Apertar o colchão par seu corpinho dar pulinhos também colabora para estimular os movimentos, explorar as alturas e os obstáculos que os objetos despertam.

Consoante, o entendimento de Prado (2020), para estimular os músculos da perna da criança. Coloqueo bebê sentado em um lado do sofá e fique com o brinquedo do outro lado para ele tentar pegar. Se o bebê estiver no chão, ele tentará alcançar subindo no sofá.

Concomitante com a linha de raciocínio de Krueger (2014), outra atividade para realizar com o bebêpara estimular a percepção, e aguçar os sentidos é usar tintas e pincéis e deixar ele pintar seu corpinho. Coloque o bebê sentado em um lugar que possa ser sujado e limpado facilmente, dê a ele tintas e pincéis, deixe ele explorar, se quiser pintar as perninhas, os braços. Os adultos também podem deixar o bebê pintar também.

Ainda concomitante com Krueger (2014), é recomendável colocar papel no chão e pintar os pezinhos e as mãozinhas do bebê e deixar ele carimbar os papéis. Uma dica para que o bebê não tenha nenhum problema com tinta tóxica, é realizar essa tarefa com beterrabas e cenouras raladas, e se o bebê quiser colocar na boca não terá nenhum problema.

De acordo com Brasil (2019), para estimular e explorara linguagem verbal do bebê e a interação com o professor e com os colegas, é recomendado trabalhar atividades voltadas ao conhecimento e cuidado de si, do outroe do ambiente. Como por exemplo as atividades feitas com fantoches, que também podem ser

confeccionadas com meias, caixas de leite, etc. Essas atividades proporcionam um ambiente acolhedor para a criança e do professor, colabora na interação e aprimora o desenvolvimento da linguagem, ou seja, da fala, por meio dasconversas com os fantoches.

Além dessas atividades para desenvolver a fala, a oralidade, a interação das crianças é possível usar materiais do dia a dia, como um telefone antigo, ou duas latinhas para imitando um telefone. Pedir para a criança brincar de ligar para alguém, com isso ele desenvolver uma conversa como se tivesse realmente conversando com alguém no telefone. Além disso, pode usar de bonecas e ursinhos para fazer de conta que está dando banho, pentear o cabelo, trocar a roupinha. Essasatividades também desenvolvem a higiene e o cuidar do seu próprio corpinho.(PONTOGLIO, 2009)

Segundo Prado (2013), as brincadeiras de faz de conta desenvolve, e ajudaa criança no aprendizado sobre a realidade, colabora para o desenvolvimento da linguagem verbal, atiça a imaginação e contribui a longo prazo na solução de problemas.

Ainda Segundo Prado (2013), além disso, as brincadeiras de faz de conta contribui par que as crianças expressem suas emoções, adquirem também o autoconhecimento que parte do descobrimento do próprio corpo e como consequenteda cultura.

Concomitante com Kishimoto (2010), algumas atividades que também podem sertrabalhadas com os bebês com o uso de materiais são:

• Quebra cabeça

Retira as peças do quebra cabeça é a primeira habilidade que o bebê faz de uma forma muito fácil. Bate as peças no chão, ou umas com as outras, é lago legal e faz muito barulho, que o bebê irá gostar. Incentivar e conversar com o bebê, dizendoas cores e as formas da quebra – cabeça é uma dica muito importante. Nessa atividade a criança cria métodos para pensar e raciocinar.

Figura 1: Quebra cabeça de letrar

Fonte: www.tempojunto.com.br. Acesso em 9 de março de 2022

• Quebra cabeça de corrente

Deixe o bebê pegar as peças e segurá – las. Veja se ele consegue segurar uma peça apenas com uma mãozinha. Bata uma na outra e ouça o som que ela faz.

Converse com o bebê sobre as cores ou esconda uma peça sob um pano, também éuma opção. Nessa atividade a criança aprende a mostrar, desmontar as coisas, consegue também seguir instruções simples.

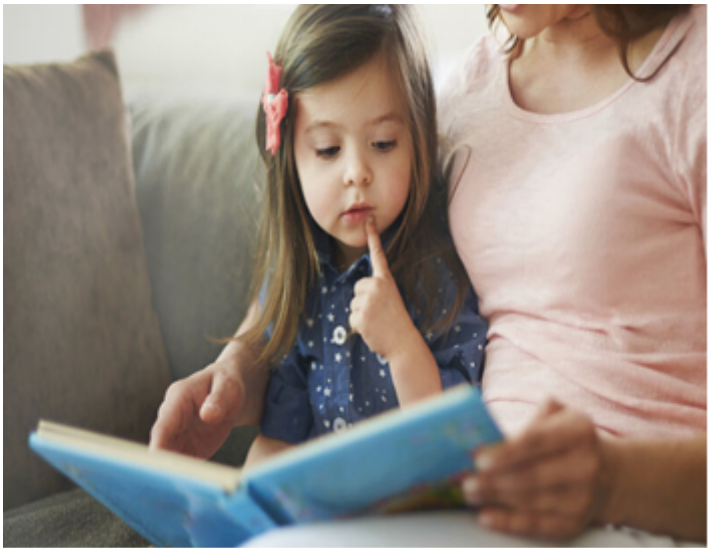
Figura 2: Quebra cabeças de figuras

Fonte: www.tempojunto.com.br. Acesso em 9 de março de 2022

• Livros de papelão

Converse com o bebê durante um bom tempo sore a história do livrinho. Conteos detalhes, vai virando as páginas e mostrando para elas o que tem na imagem e mostrando par eles o que tem um passarinho, uma menina, um bebê. Nessa atividadeo bebê interage com o adulto e desenvolve a curiosidade e imaginação.

Figura 3



Fonte: https://viacarreira.com/

• Bolas de esponja

Role a bola para o bebê. Deixe o bebê observar a bola rolando no chão. Depoisdeixe o bebê tocar, pegar a bola e manuseia a bola.

Nessa atividade o bebêdesenvolve o tato, sente a maciez, promove o movimento porque ele vai atras da bolae fortalece os músculos. Desenvolve também a curiosidade e a interação com o adulto.

Figura 4: Bolinhas de esponja para bebês

Fonte: Amazon.com.br, acesso em 9 de março de 2022

• Caixas de formas

Coloque a caixa de formas bem coloridas, que chamem a atenção do bebê. Deixe- o manusear, pegar, abrir e fechar a caixa. Depois tire todas as formas da caixa e peça para o bebê colocar dentro. Essa atividade aperfeiçoa a coordenação entre as mãos e olhos do bebê e aumentam o controle para manusear os objetos.

Nessa atividade também é possível que os bebês maiores aprendam os nomes das cores, as formas, também reforça no entendimento da orientação espacial.

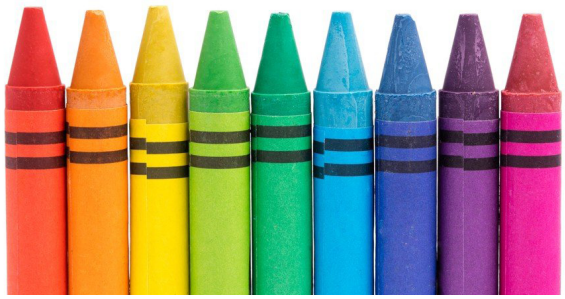
Figura 5: Caixa de formas

Fonte: laluka.com.br. acesso em 9 de março de 2022

• Papel e lápis de cera

Com o papel colorido, recorte as formas geométricas básicas de diferentes tamanhos. Faça um buraco em cada forma e coloque uma fita pelo buraco. Pendure para que o bebê possa ver e observar o movimento. Com o uso de papel e lápis de cera coloque o papel bem grande no chão e deixe o bebê rabisca – lo com o giz. Nesta atividade os bebês desenvolvem a curiosidade, tentam pegar os objetos pendurados, sorriem, emitem os sons. E os bebês maiores desenvolvem a coordenação motora através dos desenhos, desenvolvem também a criatividade, a destreza e aprendem sobre as cores e as formas geométricas.

Figura 6: Lápis de cera atóxico



Fonte: magazineluzie.com.br. acesso em 9 de março de 2022

De cordo com Ortega e Manzano (2007), outras atividades que também podem ser trabalhadas com os bebês com o uso de materiais são:

• Miçangas

Coloque as miçangas de tamanhos e cores diversos nas pontas de diversos fios. Amarre os fios em firmes para que as miçangas não saiam. Coloque um, ou doisfios de frente para o bebê. Mostre para ele como deve puxar para aproximar o brinquedo dele. Vai conversando com o bebê sobre o que ele está fazendo. Com os bebês de 1 a 2 anos de idade, coloque as miçangas para eles brincarem livremente, converse com eles para separá – las por cores e formas. Com essa atividade os bebêsdesenvolvem a curiosidade, tentam tocar os objetos, expressam suas emoções com o sorriso, a felicidade e os sons. Também é possí-

vel eles aprenderem as cores, desenvolvem a destreza e a coordenação motora. É importante ressaltar a presença de um adulto para supervisionar as crianças brincarem com as miçangas e os fios.

Nesse ínterim torna-se importante aumentar os cuidados para que os bebÊs não levema a boca essas miçangas, pois todos são muitos curiosos.

• Fantoches

Põe os fantoches na sua mão e brinque com o bebê, como se o fantoche estivesse conversando com ele. Utilize uma voz mais grossa, ou mais fina para falar.Pode deixar o bebê tocar e manusear depois o fantoche. Também pode utilizar fantoches de animais, para cantar com as crianças. Converse sobre o animal, que som ele faz? O que ele come? Onde vive? Faça perguntas que a criança seja capaz de responde – lá. Também pode deixar as crianças brincarem e inventar suas próprias histórias com os fantoches. Com o uso desse material é possível que a criança ou o bebê tirem o medo do perigo, dominando – o brincando com os fantoches, podendo representar cenas de conforto e apoio.

As crianças desenvolvem a imaginação, aprendem o autocuidado e o cuidado com o outro, expressam seus sentimentos e também pode oferecer soluções para alguns problemas.

Figura 7: Fantoches para bebês

Fonte: https://www.guiadebemestar.com.br/fantoches-mejores-opciones/. Acesso em 3 de março de 2022

DISCUSSÕES

As pesquisas averiguadas já demonstram temáticas interessantes, as quais auxiliam no robustecimento da temática explorada, porém importante destacar que ainda existe um vazio teórico importante que podem, e devem, gerar por meio de estudos realizados conteúdos valiosos para fortalecer o estado da arte atinente a educação.

Algumas técnicas são sugeridas, mas ainda é preciso que as escolas comecem a repensar a forma como os conteúdos são ensinados as crianças nessa faixa etária, visto que é uma das fases iniciais de seus desenvolvimento. Neste sentido, os signos e a abordagem imagética pode ser uma alternativa interessante para estimular o aprendizado neste tipo específico a as crianças nessa idade.

Os dados obtidos, apesar de já serem utilizados há anos, sugestionam a necessidade da feitura de novas pesquisas que possam não somente retratar realidades ainda não discutidas na educação dessa faixa de idade das crianças, mas também levantar outras questões e inquietações de professores, pedagogos, pais de alunos e demais atores envolvidos. Para trabalhos futuros, sugere-se um levantamento parecido ao que fora feito neste artigo, mas tendo como tema a ser trabalhado o acolhimento a todos os alunos que estão nessa faixa de desenvolvimento e na sua formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir com este trabalho que tanto os bebês de oito meses como também as crianças maiores de até dois anos de idade podem desenvolver e aprender coisas por meio do lúdico, de maneira divertida e prazerosa, por meio das brincadeiras, dos brinquedos, e até com o uso de materiais do nosso dia a dia, elas podem desenvolver a imaginação, a criatividade, a coordenação moto-

ra, a curiosidade, os movimentos, a destreza, aprendam conceitos diferentes e muitas vezes estes ensinamentos seriam mais difíceis de serem compreendidos por eles se fossem apresentados de uma outra maneira.

Devemos entender também que o bebê ainda bem pequeno, consegue observar o mundo, imitar alguma coisa que ouve ou vê, e com isso o seu desenvolvimento vai sendo adquirido. Eles também compartilham suas emoções mesmo não compreendendo como eles surgem, como se desenvolvem e como podem ser superados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Jogo e brincadeira das culturas populares na primeira infância/ministério da cidadania** 1ed. Etal. Brasília. 2019. Disponível em: mds.gov.br Acesso em: 05.jun. 2021

BRITO FILHO. Aarão de Moura. **Atividades Lúdicas e educativas**. Educação Infantil. Mangaratiba. 2013 Disponível em: rj.gov.br Acesso em: 18.mai. 2021

CATARINA, C.S. et al. A importância de estudar o medo no desenvolvimento infantil. **Anuário de Pesquisa e Extensão UNOESC São Miguel do Oeste**, v.5, p. 1 – 11, 2020.

DAMIANI, M.F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, n.. 31, p. 213 – 230, 2008.

FIGUEIREDO. Mirela de Oliveira. **Atividades par familiares. Realizarem com os filhos em casa.** São Paulo. 2021 Disponível em: saci.ufscar.br Acesso em: 11. JUN. 2021

FRITZ. Ana Niza Dias. **As atividades lúdicas no processo de ensino. aprendizagem. Um olhar docente**. Medianeira. 2013 Disponível em: repositório. roca.utfpr.br Acesso em: 18.mai. 2021

JESUS. Catia de. **Berçário e Maternal** – Caderno de Atividades. 2011. Disponível em: baixelivros.com.br. Acesso em: 18.mai. 2021

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KISHIMOTO. Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Belo Horizonte. 2010. Disponível em: portal.mec.gov.br Acesso em: 11. JUN. 2021

KRUEGER. Caryl Waller. 1001. **Atividade para fazer com suas crianças**. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: efuturo.com.br Acesso em: 04. JUN. 2021

MALOTTI, Ana Paula R.C. **O ensino de música na educação infantil:** um estudo sobre a aprendizagem criativa. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MIRANDA. Aline Mato de. **O brincar no berçário. Interatividade, aprendizagem e desenvolvimento**. Belo Horizonte. 2012. Disponível em: repositório.ufmg.br Acesso em: 18.mai. 2021

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MODESTO, Adélia Pereira dos Santos; SILVA, Kátia Gomes de Oliveira; FUKUI, R.K. A promoção da ludicidade no processo de aprendizagem. **Revista Psicologia & Saberes**, v.9, n.14, p. 59 – 69, 2020.

NOVA ESCOLA. Atividade. **Brincando com cantiga de rodas conhecidas**. São Paulo. 2021. Disponível em: novaescol.org.br Acesso em: 03.jun 2021

OLIVEIRA. Ana Clara. **20 Brincadeiras para o bebê**. 2017 disponível em: leiturinha.com.br.Acesso em: 03.jun 2021

ORTEGA. Sheila Christina; MANZANO. Cinthia S. **Percursos de Aprendizagens: Um olhar para o desenho**. São Paulo. 2007 Disponível em: portal.sp.gov.br Acesso em: 21. JUN. 2021

PRADO. Jane. **Atividades educativas e brincantes para bebês**. Aracruz. 2020 . Disponível em: pma.es.gov.br. Acesso em: 04.JUN. 2021

PREFEITURA DE ARARAQUARA. **Atividades do Berçário I e II.** Araraquara. 2018 Disponível em: Araraquara.sp.gov.br. Acesso em: 18.MAI. 2021

PONTOGLIO. Carina de Figueiredo Bonome. **Brincando na creche atividades com crianças pequenas**. Ribeirão Preto. 2009. Disponível em: livrosgratis.com.br Acesso em: 05.jun. 2021

SECRETARIA MUNICIPAL DE ARARAQUARA. **Atividade – Educação Infantil – Berçário I e Berçário II**. Araraquara. 2020. Disponível em: www.tempojunto.com Acesso em: 02.jun. 2021.

SOARES, M.C. **Uma proposta de trabalho interdisciplinar empregando os temas geradores alimentação e obesidade.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SOARES, M.C. et al. O ensino de Ciências por meio da lucididade: alternativas pedagógicas para uma prática interdisciplinar. **Ciência & Ideias**, v.5, n.1, p. 83 – 105, 2014.

10.48209/978-65-89949-95-2

CAPÍTULO 2

A RELEVÂNCIA DAS PRÁTICAS DE TREINAMENTO PARA A POTENCIALIZAÇÃO DAS VENDAS NUMA EMPRESA DE COSMÉTICOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL

José Carlos Guimaraes Junior; Paulo Roberto Ribeiro Marinho
Francisco Carneiro Braga; Jefferson Davi Ferreira dos Santos
Katia Regina Araújo de Alencar; Pablo Luiz Martins;
Ruth Trindade Ferreira

Resumo: No contexto dos Recursos Humanos, uma das práticas mais relevantes para o sucesso das companhias é a que diz respeito ao planejamento, execução e avaliação de treinamentos. Além de ser uma forma de preparar colaboradores para assumir novas funções, os treinamentos podem ser vistos como ações necessárias para a potencialização do capital humano nas organizações. O presente estudo tem como objetivo destacar a relevância das práticas de treinamento para a potencialização das vendas numa empresas de cosméticos da Região Sul do Brasil. O estudo foi desenvolvido numa empresa situada no estado do Paraná. Consiste num estudo do tipo exploratório, o qual gerou dados qualitativos junto aos participantes da pesquisa por meio da aplicação de um questionário. Os resultados demonstraram que a referida companhia é bem avaliada pelos clientes com relação aos seus produtos, havendo compra de pelo menos 2 itens por mês. Outro ponto que fora bem avaliado diz respeito ao conhecimento dos vendedores sobre os produtos ofertados aos clientes. Entretanto, foram também detectados pontos a melhorar, como a apresentação dos vendedores que nem sempre está congruente com os princíos do marketing pessoal, bem como atrasos na entrega de produtos aos clientes. O estudo concluiu que apesar da empresa aqui denominada como Cosméticos possuir pontos fortes em sua área de atuação, o que fora destacado por meio de uma análise SWOT, faz-se necessário trabalhar nos pontos de melhoria para que o seu atendimento seja reconhecido como de qualidade pelos seus clientes.

Palavras-chave: Treinamento; Empresas; Gestão; Planejamento de Recursos Humanos.

INTRODUÇÃO

Uma empresa que busca se consolidar e ainda, se tornar competitiva no mercado de trabalho, passa a investir em seu quadro de pessoal, sendo de extrema importância para o sucesso de uma organização, pois são elas que gerenciam e comandam os objetivos da organização, são elas que executam, desenvolvem e controlam atividades e processos, são as pessoas também que consomem os produtos de uma determinada empresa. Certamente uma empresa que não investe em seus trabalhadores está fadada ao fracasso organizacional (Nascimento-e-Silva, 2017).

Segundo Chiavenato (2000), logo após a Era da Informação, surgiu a Era Digital na virada do século atual, caracterizada pela explosão de recursos digitais de intensa penetração na dinâmica das organizações e das pessoas, com assistentes computacionais que transformaram a sociedade. Tudo começou com a internet como plataforma de comunicação, para expandir-se por todos os campos específicos de atividade. Em nossa sociedade moderna, quase todo o processo produtivo é realizado por meio de uma organização, e o homem moderno passa a maior parte de seu tempo em organizações. As organizações são construídas de maneira planejada e elaboradas para atingir determinados objetivos, além disso, elas também são reconstruídas, isto é, reestruturadas e redefinidas, à medida que os objetivos são atingidos ou quando se descobrem meios melhores para atingi-los com menor custo e menor esforço. Uma organização nunca constitui uma unidade pronta e acabada, mas um organismo social vivo e sujeito a constantes mudanças.

Marras (2000) destaca que a intenção do treinamento é fornecer os meios para possibilitar a aprendizagem. A organização deve fazer levantamento das necessidades de treinamento a partir dos seguintes meios: avaliação do desempenho; observação; questionários; solicitação de supervisores e gerentes; entrevistas com superiores e gerentes; reuniões interdepartamentais; exame de empregados; modificação do trabalho; entrevista de saída; analise de cargos; relatórios periódicos.

Citando o mesmo autor, atualmente as organizações têm seu Departamento de Recursos Humanos ou também chamado de Talentos Humanos, que direciona as suas atividades para o treinamento, capacitação das atividades de seus colaboradores.

Marras (2000), ainda afirma que o desenvolvimento do sistema de Recursos Humanos passou por diversas escolas e teve cinco fases evolutivas: a fase

contábil, pioneira da gestão de pessoal; a fase legal que registrou o aparecimento da função de chefe de pessoal; a fase tecnicista foi a responsável pela implantação do modelo americano de gestão de pessoal no Brasil; a fase administrativa que criou um marco histórico nas relações entre capital e trabalho e; a fase estratégica foi demarcada operacionalmente pela introdução dos primeiros programas de planejamento estratégico atrelados ao planejamento estratégico central das organizações.

Dessa forma, podemos conceituar que um sistema de recursos humanos é um conjunto de ações políticas, integrada com práticas importantes e necessárias para a condução de um processo eficiente e eficaz, produzindo resultados positivos para a organização e para seus colaboradores.

Pessoas são a parte mais importante da organização, sendo responsáveis por toda a condução positiva para si e para a organização; são o principal ativo da empresa.

Detectado a necessidade de um programa de treinamento, deve-se, portanto, orientar as experiências de aprendizagem, conduzindo todo o processo num sentido positivo e estratégico, de maneira que as pessoas desenvolvam seus conhecimentos, habilidades e competências

Portanto, os programas de treinamento devem ser contínuos, buscando o desenvolvimento do indivíduo, o que vem a representar um conjunto de atividades e processo, cujo objetivo é explorar o potencial de habilidades, buscando sempre a obtenção de novos conhecimentos e à modificação de comportamentos e atitudes.

Por meio do treinamento procura-se, definir métodos e procedimentos que possibilitem maximizar o desempenho profissional e elevar os níveis de motivação para o trabalho.

Segundo Madruga (2017), o treinamento tem como objetivo munir o empregado de mais conhecimentos e habilidades para que exerça sua atividade da melhor maneira, considerando a complexidade da tarefa e a necessidade continua de atualização e o desenvolvimento está relacionado ao crescimento do indivíduo, na ampliação de seu conhecimento e potencial, de maneira que possibilite exercer seus afazeres da melhor forma com níveis cada vez maiores de complexidade.

Desta forma, busca-se nas organizações programas básicos de treinamento que deverão ser desenvolvidos a realidade que as organizações possuem dentro do mercado onde atuam; assim, os programas de treinamento buscam oferecer aos indivíduos condições para melhor desempenharem suas funções, buscando aperfeiçoamento das suas tarefas, e consequentemente, melhorar suas remunerações e benefícios.

METODOLOGIA DE PESQUISA

O estudo trata de uma pesquisa bibliográfica e análise de texto qualitativa, tendo em vista os procedimentos técnicos, que, por sua vez, foram associados com a coleta, além da aplicação do questionário destinado a um grupo de pessoas. A pesquisa utilizou o método de pesquisa bibliográfica, pois foi utilizado material publicado referente ao tema abordado, como livros e materiais disponibilizados pela internet.

De acordo com Gil (2017), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e canais de eventos científicos.

O perfil da pesquisa é qualitativo, pois foi aplicado questionário aberto, com a intenção de analisar as opiniões de profissionais da área de T&D (Treinamento

& Desenvolvimento) sobre temas relevantes para esta pesquisa. Segundo Gil (2019), é possível, de maneira bem simplificada, classificar as pesquisas em quantitativas e qualitativas. Nas pesquisas quantitativas os resultados são apresentados em termos numéricos e, nas qualitativas, mediante descrições verbais. Assim podem ser definidas como pesquisas quantitativas: pesquisa experimental, ensaio clínico, estudo de coorte, estudo caso-controle e levantamento.

No que concerne a questão das pesquisas qualitativas, Minayo (2013) esclarece que este tipo de pesquisa se dedica a compreender a realidade social na qual os fenômenos acontecem por meio da fala dos participantes do estudo. Assim, diferentemente das pesquisas de natureza quantitativa, as quais lidam com dados representados numericamente, os estudos qualitativos são permeados pela subjetividade existente no discurso dos partícipes de uma investigação científica. Conforme visto em Borges (2019), compete ao pesquisador captar a essência da fala dos sujeitos respondentes com vistas a dar maior assertividade aos resultados alcançados.

Tomando por base as definições de Vergara (2002), define-se: a) Quanto aos fins; exploratória: esta investigação é realizada na área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado, e assim a pesquisa foi realizada em duas etapas complementares e inter-relacionadas, tendo envolvido levantamento de informações em fontes secundárias e primárias, conforme detalhado a seguir:

Fez-se necessário uma revisão bibliográfica referente ao tema Recursos Humanos, mais especificamente referindo-se à motivação e treinamento de pessoal. Estes achados na literatura foram devidamente lidos e descritos para compor o marco teórico do estudo. A captação dos dados qualitativos foi feita mediante aplicação de questionário. Para Prodanov e Freitas (2013), o uso deste instrumento de pesquisa deve ser feito com cautela, com vistas a evitar interpretações dúbias das perguntas junto aos respondentes.

O PROCESSO DE MOTIVAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Os processos de motivação são representados por um conjunto de energias e forças internas do indivíduo e da organização, mantendo o direcionamento para resultados concretos. Assim, podemos comentar que a motivação humana é altamente complexa, envolve motivos sociais que produzem no comportamento humano uma dimensão muito mais importante que a do simples mecanismo de satisfação de necessidade fisiológica, nem sempre é compreendida, levando-nos a concepções errôneas a respeito do comportamento humano (Robbins, 2002).

Conforme Nascimento-e-Silva (2011), Silva (2019) e Silva, Oliveira, Sá Filho e Nascimento-e-Silva (2019), a motivação é um dos três itens necessários para que se pratique corretamente a função de direção, a qual constitui a terceira etapa do processo de gestão. Neste sentido, o gestor necessita ser líder para gerar os seguintes resultados: a) influenciar as pessoas para que elas adotem atitudes que são favoráveis ao alcance dos resultados pretendidos; b) comunicar adequadamente tudo o que está acontecendo nos processos de trabalho, e; c) manter os colaboradores engajados o suficiente para que os resultados sejam materializados (Silva, 2019). Nascimento-e-Silva (2011; 2017) e Silva et al. (2019) esclarecem que além da motivação, a comunicação e a liderança são itens que devem ser desenvolvidos no processo de gestão para que se obtenha o melhor rendimento possível no gerenciamento do recurso mais melindroso, complicado e difícil de se lidar: as pessoas.

Além do trabalho a ser desenvolvido pelo líder, é necessário destacar também a influência do clima organizacional na motivação dos colaboradores. Quando positivo, este clima faz com que os funcionários se sintam mais tranquilos, seguros e motivados para desempenhar suas funções e entregar o que deles se espera em termos de resultados. O contrário também é verdade: ambien-

tes estressantes, competição exagerada entre os empregados, fofocas e intrigas corroboram para que a insatisfação, o cansaço mental e físico e, por conseguinte, a desmotivação acabem influenciando negativamente no rendimento de uma companhia (Abreu, 2021).

Conforme demonstrado por Silva, Campos, Melo e Nascimento-e-Silva (2021) ao elencar as competências que os coordenadores de graduações, função gerencial das universidades públicas e particulares deve reunir para lograr êxito em seu trabalho, uma delas diz respeito a esta capacidade de liderar, motivar e comunicar, o que equivaleria ao papel desempenhado por um legítimo gestor de recursos humanos. Ao estar motivado, observa-se um maior envolvimento e comprometimento dos trabalhadores no desenvolvimento de suas atividades, contribuindo significativamente para a resolução de problemas existentes no âmbito organizacional e melhor adequação de práticas e processos de trabalho (Kobernovicz & Stefano, 2020).

Há quem compreenda que motivação seja um traço atitudinal pessoal, o que na prática significaria que existem pessoas com elevado grau de motivação e outras que por não terem este comportamento em seus aspectos comportamentais seriam menos motivadas. No campo prático, há uma tendência de os chefes rotularem seus colaboradores que não demonstram um patamar elevado de motivação seriam preguiçosos. Acontece que esta é uma afirmativa que não se sustenta. A motivação até pode ter algo a ver com os traços atitudinais do sujeito, mas ela também pode ser desenvolvida mediante uma situação em que o indivíduo precisa demonstrar níveis mais elevados de energia e comprometimento para que os resultados almejados sejam cumpridos (Robbins, 2002).

Na seara dos recursos humanos, outra temática tão relevante quanto a motivação diz respeito aos treinamentos. A necessidade de treinamento constitui-se em diagnóstico completo que engloba a situação geral da empresa e de todos

que nela trabalham. Através desta observação, estabelecem-se processos e instrumentos capazes de prevenir e corrigir falhas, ou aperfeiçoar o desempenho. Para tanto, é preciso que as companhias avaliem criteriosamente sobre as suas necessidades de treinamento. Este é um processo que consiste na detecção das lacunas existentes nos colaboradores de uma equipe ou departamento, as quais impedem esses sujeitos de alcançarem melhores resultados no desempenho de suas funções (Gil, 1994).

Pode-se estabelecer o vínculo entre treinamento e educação profissional, posto que é por meio dos treinamentos que os trabalhadores são instruídos para o exercício de um determinado cargo ou conjunto de tarefas (Trevelato, Silva, Pantaleão & Fonseca, 2018). É oportuno esclarecer que esta questão do treinamento não possui relevância somente no campo da iniciativa privada. Com as recentes mudanças na Administração Pública, mais precisamente a partir da institucionalização do princípio da eficiência (Brasil, 1998), as organizações, autarquias e demais órgãos que integram a gestão pública se viram desafiadas a apresentar melhor performance no atendimento ao cidadão. Isto abarca, dentre outras coisas, noções de qualidade, estratégia, gestão de recursos e padronização de serviços (Borges, Silva & Nascimento-e-Silva, 2020; Oliveira & Nascimento-e-Silva, 2020; Slack, Chambers & Johnston, 2009; Silva, 2019).

Também pode-se estabelecer o elo entre o treinamento e a questão da melhoria contínua (Graban, 2013). Ao investir em seus colaboradores, a empresa demonstra estar contado com aqueles funcionários em funções de maior complexidade ao invés de procurar talentos no ambiente externo. Além disso, pode-se considerar que o treinamento pode elevar o nível de engajamento e motivação dos colaboradores, os quais podem gerar mais soluções criativas e inovadoras em seu cotidiano de trabalho (Azeredo, 2019). Para que isto se materialize na

prática, Robbins (2007) descreve três passos necessários para o sucesso dos treinamentos nas organizações: a) detecção das necessidades de treinamento; b) preparação adequada das situações que estimulam a aprendizagem no decurso dos treinamentos, e; c) avaliação dos resultados alcançados com a realização dos treinamentos. É oportuno dizer que segundo Silva (2019), a avaliação representa a comparação entre duas variáveis: a) o que foi programado, e; b) o que de fato foi produzido e entregue. Aplicando esta lógica aos treinamentos, espera-se que os colaboradores desenvolvam novas habilidades, competências e atitudes com vistas a fazer com que o seu rendimento nas novas funções a eles delegadas seja o melhor possível.

Ao se fazer o levantamento das necessidades de treinamento, percebe-se as carências do funcionário ou de todo o grupo frente ao padrão de qualificação existente na empresa. Quando se realiza um levantamento das necessidades de treinamento, deve-se saber que o objetivo primordial não é a busca pela solução de problemas já existentes, mas também, visa-se evitar que surjam problemas futuros. Gil (1994) enfatiza que o levantamento das necessidades de treinamento, por sua própria natureza, deve ser concebido como uma pesquisa que se desenvolve em três etapas: análise organizacional, análise das tarefas e análise dos Recursos Humanos. Nesta perspectiva, a análise organizacional pode ser vista numa visão análoga como uma espécie de “raio-x” da companhia, com vistas a detectar se o seu clima é positivo ou negativo e em que medida isto influencia no desempenho dos funcionários. A análise das tarefas pode ser vista como o grau de dificuldade que cada uma delas apresenta aos colaboradores. Neste sentido, tarefas mais complexas exigiriam um patamar mais avançado de preparo para sua execução. A análise dos recursos humanos abarca as dificuldades e lacunas enfrentadas por cada um dos sujeitos que integram as equipes nas organizações.

Face ao exposto, observa-se que existe um consenso em relação à importância, os objetivos e a abrangência do levantamento das necessidades de treinamento. Porém, questiona-se se as ferramentas normalmente utilizadas neste tipo de investigação são capazes de permitir que os objetivos propostos sejam atingidos. É conveniente esclarecer que os treinamentos não possuem fins em si mesmos, posto que são processos de natureza cíclica. Chiavenato (1994) demonstra em seu estudo quatro etapas pertinentes ao desenvolvimento de treinamentos: a) detecção das necessidades; b) programação dos treinamentos que visam preencher as lacunas detectadas; c) prática do treinamento, e; d) avaliação dos resultados alcançados com o treinamento. Esta lógica processual pode ser traduzida no trinômio planejamento-execução-controle, algo semelhantemente ao que é visto no processo gerencial, formado pelo quarteto de etapas denominadas como planejamento, organização, direção e controle (Nascimento-e-Silva, 2011; 2017; Silva, 2019; Silva et al., 2019).

Todas estas etapas são muito importantes, no entanto se as necessidades forem identificadas de forma errada, todos os esforços, e as demais etapas, serão direcionados para um objetivo que não condiz com as reais necessidades da empresa, causando um desperdício de recursos (Rodrigues, 2020). Por esta razão, o cumprimento destas etapas detectadas em Robbins (2007) e Chiavenato (1994) deve ser feito com máxima assertividade, posto que tempo, pessoas, tecnologias, trabalho, tudo isto representa os recursos que serão empregados nos programas de treinamento. Quando a avaliação das necessidades de treinamento é feita de maneira adequada, a tendência é a de que os recursos sejam bem empregados e o desenvolvimento de pessoas flua de maneira positiva. No Quadro 1, uma descrição suscinta do processo decisório pertinente aos treinamentos nas organizações.

Quadro 1. O processo de treinamento

Diagnóstico da situação	Decisão quando à estratégia	Implementação ou ação	Avaliação e controle
Levantamento das necessidades	Programação do Treinamento	Execução do Treinamento	Avaliação dos resultados
- Objetivos da organização -Competências necessárias - Resultados da avaliação de desempenho - Problemas de pessoal - Problemas de produção	- Quem treinar - Como treinar - Em que treinar - Onde treinar - Quando treinar	- Aplicação do programa de treinamento pelo gerente, pela área de RH, pela assessoria ou ambos.	-Monitoramento do processo - Avaliação e medição - Comparação da situação atual com a anterior

Fonte: Chiavenato (1994, p.140)

Em análise à primeira premissa, ao invés de treinamentos, se faz necessário o levantamento e a aquisição dos equipamentos relacionados com a execução da atividade. Na segunda, defende-se que um programa de recrutamento e seleção de funcionários, mesmo que interno, pode apresentar resultados mais satisfatórios. Concomitantemente, é necessário ter conhecimento se modificações técnicas introduzidas na função conduzirão o desempenho do empregado para cima do padrão, se novo equipamento ou métodos novos podem ser a solução ou se o treinamento é a alternativa mais aconselhável.

Neste sentido, é necessário que todos tenham acesso às informações sobre os avanços na direção dos objetivos da empresa e não basta simplesmente

implementar sistemas de informação tradicionais limitados a dados financeiros históricos (Nascimento, Simões, Soares & Pereira, 2013).

Face ao exposto, observa-se que as maiores limitações dessas ferramentas estão associadas à subjetividade das informações obtidas e a forma como estas são influenciadas a partir de opiniões individuais. Também, nota-se uma forte tendência no sentido de apresentarem diagnósticos estanques, que refletem apenas carências pontuais, esquecendo sua relação com os objetivos e as necessidades globais da organização. É preciso que os treinamentos estejam devidamente alinhados com a estratégia da organização. No entender de Silva (2019), as estratégias são os caminhos que a organização deve seguir para conseguir viabilizar seus objetivos pretendidos. Sem este alinhamento, corre-se o sério risco de se desperdiçar recursos (Rodrigues, 2020).

Sugere-se que o levantamento das necessidades de treinamento seja realizado envolvendo os interesses dos indivíduos e da organização. No entanto, o que se observa é uma forte ênfase na opinião individual, faltando mecanismos que retratem a realidade da organização e seus planos para o futuro, e apenas através dessas análises é que será possível realizar o planejamento de programas de treinamento com o objetivo de suprir as lacunas existentes entre a realidade diagnosticada e a condição futura que se almeja.

Independentemente do método de levantamento das necessidades utilizado, é *sine qua non* que o profissional responsável pelo projeto realize um bom diagnóstico das necessidades e procure adaptá-las à missão da empresa. É importante que o treinamento não se constitua em um processo burocrático, mas que faça parte da estratégia da Empresa que busca uma efetiva gestão do conhecimento e de seu capital intelectual (Azeredo, 2019). A fim de que se evite este tipo de distorção e direcione-se os treinamentos de forma que se consiga os melhores resultados, deve ser realizada uma pesquisa de levantamento das necessidades de treinamento.

Os custos dos programas de treinamento podem ser sintetizados analisando-se os custos de contratação, recrutamento, seleção, colocação, promoção, custos de aprendizado, treinamento e orientação formal, treinamento no trabalho, tempo do instrutor e produtividade perdida durante o treinamento. Assim, novos paradigmas refletem uma profunda modificação na gestão de pessoas nas organizações. Ao focalizarmos as ações que há muito vêm sendo conduzidas por RH nas empresas, pode-se perceber a distância que separa essa ação dos novos paradigmas.

Sendo assim, a fim de que seja realizado um detalhado levantamento e alocação dos custos envolvidos em programas de treinamento, é necessário que estes sejam estratificados de forma mais detalhada, separados em gastos com materiais e atividades. Faz-se necessário que as atividades sejam identificadas, podendo ser utilizado para tal fim o método de custeio baseado em atividades. Além da assertividade nos gastos, a companhia deve primar também pela prestação de contas dos recursos empregados. Outro ponto que não pode ser relegado a segundo plano diz respeito ao registro das certificações dos colaboradores. Este é um item recorrentemente cobrado em auditorias externas (Souza; Carvalho Júnior & Albuquerque, 2012).

Infere-se, então, que a administração de uma empresa pode ajudar seus empregados a se tornarem mais adaptados, se procurar, por meio de meios adequados, satisfazer suas necessidades básicas. Sabe-se que os funcionários têm seu comportamento mais voltado para o atendimento das necessidades fisiológicas e de segurança, ao contrário do que ocorre com os trabalhadores de países desenvolvidos, que estão mais voltados para sua auto realização. Portanto, o *staff* da organização deve atentar para fatores como ambiente de trabalho, programas da empresa, supervisão, condições de trabalho, relações interpessoais, segurança na função. O trabalho do profissional de recursos humanos não pode

ser individualizado e descontextualizado do ambiente onde a organização está inserida. Ele deve atuar como um profissional de Recursos Humanos e desenvolver atividades que supram as necessidades das organizações e as auxiliem a tornarem-se competitivas e a sobreviverem nesse mercado globalizado, onde o capital humano é o ponto chave para o sucesso organizacional (Delgado, 2015).

O PROCESSO DE VENDAS DIRETAS

Conceitualmente, define-se venda direta como um sistema de comercialização de bens de consumo e serviços diferenciados, baseados no contato pessoal, entre vendedores e compradores, fora de um estabelecimento comercial fixo (Kotler 2000).

Pode-se considerar que as primeiras notícias que se tem da venda direta no mundo moderno datam do final do Século XVIII, quando a Enciclopédia Britânica passou a ser uma das primeiras empresas a adotar este sistema de comercialização (Cruz, Trocolli, Peixoto & Ponte, 2013). A venda direta é praticada sob formas distintas, presente em todo o mundo e envolvendo os mais diversos setores da economia; do produto simples ao sofisticado e, para as empresas, representa um canal de distribuição com grande potencial de expansão geográfica, capaz de agregar valores aos seus produtos e serviços, por meio das relações pessoais.

Para o revendedor é uma alternativa ao emprego tradicional, que possibilita trabalhar em horários flexíveis, ganhar conforme a dedicação e obter assim a ascensão profissional acompanhada da realização pessoal. Para o consumidor, a venda direta representa um atendimento personalizado que não existe no varejo tradicional (Castells, 1999). Para a sociedade como um todo, é uma forma de contribuir para minimizar o problema do desemprego estrutural (Antunes, 2009), pois oferece oportunidade de complementação da renda familiar e de trabalho para as minorias.

Para que a venda direta seja coberta de êxito, necessita-se de pessoas capacitadas e preparadas para desempenhar essas funções, o que chamamos antigamente de vendedor e que num conceito mais contemporâneo, de Executivo de vendas.

Um bom vendedor deve ser, honesto, confiável, criativo, atento, conhecedor do produto e do mercado e prestativo, de maneira que, em quaisquer circunstâncias, tenha argumentos para vender bem e melhor e, para isso, faz-se necessário que a ferramenta Marketing pessoal seja utilizada para a obtenção de resultados positivos. Marketing pessoal é a sua imagem, diante das oportunidades, ou seja, tornar-se uma pessoa melhor, reconhecendo suas deficiências e qualidades e investir fortemente em sua imagem (Rodrigues, Arantes & Ferreira, 2018).

O indivíduo necessita cuidar de sua aparência para que se torne apresentável de acordo com o ambiente, além de outras características que influenciam diretamente em seus resultados de vendas. Estas características são: a) possuir bom tom de voz; b) estar por dentro dos acontecimentos atuais; c) saber se portar em uma mesa; d) entender de diversos assuntos; e) ser comunicativo e agradável; f) saber que seus direitos terminam onde o do outro começa; g) valorizar a ética e valores; h) não abusar de seus limites; i) ter auto estima e ser uma pessoa otimista.

CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE AMBIENTAL DA ORGANIZAÇÃO ANALISADA NO ESTUDO

A empresa Cosméticos (nome fictício) foi fundada em Curitiba com a proposta de fabricar cosméticos que sigam padrões e normas internacionais de qualidade. A fábrica, fundada em 1987 e ao longo destes anos de existência, modernizou suas instalações onde são fabricados produtos de beleza e de tratamento cosmético para o público feminino, masculino, jovem e infantil, oferecendo um

mix de produtos com 300 produtos, divididos em diversas linhas de produtos. Esta é uma estratégia interessante, posto que por meio dela diversos públicos podem ser alcançados, elevando assim as chances de maior participação no *market share* onde a companhia disputa espaço com seus concorrentes (Guissoni, Rodrigues & Crescitelli, 2014).

A empresa Cosméticos conquistou uma sólida estrutura fabril, técnica e comercial, que lhe permite avançar em direção a uma expansão cada vez maior, onde já possui promotorias em todo território brasileiro e também já conquistou território em três outros países; Paraguai, Bolívia, Portugal e Estados Unidos. I

A empresa é uma das poucas indústrias de cosméticos do Brasil cuja fábrica mantém um moderno laboratório de análise físico-químico e microbiológico em suas instalações, um departamento de pesquisa e desenvolvimento que acompanha as tendências mundiais da área cosmética, além de um departamento de marketing e design voltado para o desenvolvimento de embalagens diferenciadas, modernas e inovadoras. Isto demonstra que a empresa Cosméticos não somente busca investir em seus processos internos, mas também se mostra atenta as tendências de mercado presentes no ambiente externo, com suas ameaças e oportunidades (Rabbi & Monteiro, 2018; Silva et al., 2021).

Adequados ao clima brasileiro, os produtos fabricados pela Cosméticos possuem ativos de última geração, cujos benefícios atendem a todas as necessidades e exigências do consumidor moderno, fazendo com que a empresa repense todos seus processos, no sentido de atender as demandas, expectativas e necessidades de seus clientes, adotando, dessa forma e adotando uma estratégia de distribuição. A empresa exige que as promotorias tenham um layout padrão da loja, o atendimento e a divulgação de seus produtos.

As organizações Cosméticos oferecem aos seus colaboradores um plano de cargos e salários bem interessante, que segue a seguinte descrição, conforme abaixo:

Consultores: Para se torna consultor é necessário cadastro e a aquisição de uma quantidade de produtos de sua escolha;

Dirigentes: Para se tornar dirigente o consultor obter uma pontuação através de suas vendas e possuir duas pessoas cadastradas em sua equipe. Após esta etapa a dirigente passa a receber bônus em suas compras, e ainda ganhará uma porcentagem sobre as vendas das consultoras cadastradas em sua equipe, que serão chamadas de filhas e, na medida que suas filhas forem cadastrando pessoas a dirigente ganhará também sobre suas vendas e essas serão chamadas de netas;

Promotores: Para se tornar promotora a pessoa deve ter 20 pessoas cadastradas na sua equipe e fazer um investimento na compra de produtos e suporte para abertura da nova promotoria, onde receberá todo o suporte de outra promotora da qual pertencia a antiga Dirigente, e cursos promovidos pela empresa.

Esse modelo de estratégia de plano de carreira acaba envolvendo todas as pessoas, e com isso vão motivando os usuários a se tornarem consultores, e consultores se tornarem dirigentes e dirigentes promotores. Pode-se considerar que este modelo adotado pela empresa Cosméticos é uma forma de gerar motivação em seus colaboradores (Silva, 2019; Silva et al., 2021).

Na concretização da aplicação do questionário, obteve-se como resultado, informações qualitativas, que serviram de base para mitigar alguns poucos problemas identificados e o desenvolvimento de novos programas de treinamento e aperfeiçoamento dos recursos humanos envolvidos em todos os processos da empresa.

Para a identificação dessas características qualitativas, fez-se necessário a aplicação de questionário fechado, no sentido de identificar as demandas iminentes dos clientes, quais características que um bom executivo de vendas deve

possuir, de maneira que promova boas vendas e torne o consumidor um cliente fiel e advogado da marca?

O universo pesquisado é importante, pois possui cerca de 500 clientes, aproximadamente, localizados em todo o território nacional, e em torno de 120 clientes na cidade de Formosa, segundo informações da gestora da empresa na cidade.

A definição da amostra do estudo por acessibilidade e não por métodos estatísticos deu-se pela dificuldade de deslocamento e acesso aos clientes, pois a técnica de vendas utilizada pela empresa é direta ou “porta a porta”, mais comumente conhecida.

Dessa maneira, foram distribuídos 20 (vinte) questionários para os vendedores para que fossem aplicados em suas vendas diárias, em um período compreendido do dia 1º de outubro a 30 de novembro de 2021, e sendo assim, ao final da pesquisa 45 pessoas responderam ao questionário.

O instrumento de pesquisa utilizado foi corresponde à parte prática da coleta de dados, utilizando um roteiro de questionário que onde foi constituído por perguntas fechadas, que foram respondidas de forma objetiva, após recebermos a devida autorização da gerência máxima da empresa. Como primeiro resultado obtido com a prática de pesquisa, o Quadro 2 traz uma Matriz SWOT [1]a respeito do desempenho da empresa Cosméticos. No entender de Rabbi e Monteiro (2018), esta ferramenta se mostra oportuna para organizações que desejam descobrir seus pontos fortes e pontos a melhorar.

---

1 Consoante Canham, Wister e O’Dea (2019) e Rabbi e Monteiro (2018), o termo SWOT é um acrônimo formado pelas iniciais dos seguintes termos em inglês: o primeiro S representa o verbete *Strengths* diz respeito as Forças; o W diz respeito ao termo *Weakness*, o qual significa Fraquezas. Estes dois primeiros itens são afetos a aspectos internos da companhia. Na sequência das iniciais, a letra O é relacionada com *Opportunities*, ou Oportunidades. Já a letra T faz menção ao verbete *Threats*, o qual quer dizer Ameaças. Estes dois últimos termos dizem respeito a aspectos externos da companhia, os quais juntamente com os aspectos internos devem ser analisados criteriosamente para assegurar o desempenho hígido da organização em seu âmbito de atuação.

Quadro 2. Matriz SWOT quanto ao desempenho da empresa Cosméticos

Pontos	**Positivos**	**Negativos**
Ambiente	**Forças (s)**	**Fraquezas (w)**
Interno	Custo baixo de estoque de mercadorias e logística integrada com todos os seus fornecedores.	o tempo de entrega dos produtos é de 4 dias
	Oportunidades (o)	**Ameaças (t)**
Externo	Em função desse tempo para entrega ser muito grande, outras empresas já sinalizam que estarão entrando no mercado desses mesmos produtos.	as oportunidades que são perceptíveis é quanto a estratégia utilizada pela empresa para vender seus produtos, ou seja, de porta em porta. Semelhante ação pode ser percebida, pelo *modus operante* de uma das maiores empresas de venda de cosméticos em geral, cuja estratégia de venda é feita de porta em porta.

Fonte: elaboração dos autores

Infere-se que as organizações devam empreender esforços para que em seus treinamentos elas possam ultrapassar o caráter técnico desta ação em seus colaboradores (Kanaane, 2017). É importante desenvolver a competência pessoal, propiciar a construção profissional no longo prazo, com objetivos amplos e também com foco no desenvolvimento da carreira, de forma a personalizada e direcionada, respeitando as características e potencialidades individuais.

O desenvolvimento acontece quando a pessoa incorpora atribuições e responsabilidades de maior complexidade, tornando se capaz de gerar

transformação e agregar valor ao patrimônio de conhecimento da organização de forma efetiva, de maneira que o resultado positivo permanece mesmo quando ela sai da organização (Dutra, Dutra & Dutra, 2017).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste estudo foi possível identificar as principais variáveis que influenciam de maneira positiva e negativamente no processo de vendas dos produtos da empresa Cosméticos. Essa análise foi realizada buscando indagações percebidas muito comumente em todas as pesquisas na área de Recursos Humanos, ou seja, a questão da satisfação no processo de atendimento com qualidade no atendimento ao consumidor, fato esse, que, se bem utilizado, promove significativos ganhos de eficiência e resultados positivos de receita para as organizações.

Conforme coleta e análise dos dados, representados pelos gráficos 1,2,3 e 4, que seguem em anexos, percebe-se que algumas variáveis são responsáveis pelo bom retorno do processo de vendas.

Pergunta nº 01, refere-se a questão da frequência de compra que é realizada, em um período de um mês. Conforme análise, obteve-se as seguintes respostas; 95 %, compram somente uma única vez por mês; 0,5 %, compram entre 2 e 4 vezes ao mês e nenhum cliente entrevistado compra mais de 5(cinco) vezes.

Analisando-se essas respostas, percebe-se que a grande maioria (95%) dos clientes adquirem os produtos da empresa uma única vez por mês. Essa análise permite definir uma estratégia de vendas para a empresa, no sentido de estabelecer o lançamento de novos produtos, planejar uma política de treinamento e capacitação dos recursos humanos, bem como outras atividades de marketing para lançamentos de novos produtos. Seguindo esta tendência, a empresa Cosméticos conseguirá não somente manter o seu público que já consome seus

produtos, mas também ampliar seu percentual de *market share* (Guissoni et al., 2014), com os lançamentos que certamente irão atrair novos clientes, o que, por conseguinte, irá influenciar positivamente em seu fluxo de caixa.

Pergunta nº 02- refere-se à apresentação pessoal do vendedor que foi recebido pelo cliente, identificou-se que; 65% consideram que os vendedores estavam bem apresentados; 25% consideram que não estavam bem apresentados e 10 % não se importam (tanto faz) estarem bem apresentados. Aqui é necessário ponderar que mesmo com o expressivo resultado de mais de 60% de percepção positiva sobre os vendedores, é preciso reforçar os princípios de marketing pessoal junto a estes profissionais (Rodrigues et al., 2018).

Pergunta nº 03, que se refere ao conhecimento de todas as especificações dos produtos oferecidos pelo vendedor.A discussão permite afirmar que, segundo as respostas obtidas, que; 99 % conhecem todas as especificações dos produtos oferecidos e apenas 1% não conhecem (toda ou parte) das especificações dos produtos oferecidos. Este resultado deveras positivo é fruto não somente dos vendedores em aprender cada detalhe dos produtos oferecidos aos clientes como também da empresa Cosméticos, posto que o domínio de cada produto ofertado pelo vendedor transmite a segurança necessária para convencer os clientes a efetuarem a compra dos cosméticos.

Pergunta nº 04, que se refere ao prazo de entrega dos produtos vendidos. Os dados obtidos nos permitem afirmar que, segundo as respostas obtidas, que; 65,0 %, receberam os produtos no prazo estipulado e 35 %, receberam os produtos fora do prazo estipulado. Este é um dado preocupante, o qual suscita a necessidade de melhoria contínua quanto a este item avaliado (Graban, 2013).

Concluímos que existe um gargalo importante no que se refere a entrega dos produtos vendidos pelos vendidos. Segundo informações obtidas em conversas informais com os próprios vendedores, esses afirmam que, com uma grande

frequência, os produtos que fazem parte de alguma promoção, seja de preço, seja pela participação de um ou de outro, de um mix promocional, não possuem em quantidades suficientes em estoque para atender a quantidade oferecida aos clientes. Aqui há um sério risco de haver falhas de comunicação e um determinado item que está em promoção não estar mais disponível. Este é mais um item que precisa ser revisto pela empresa Cosméticos para que seu atendimento seja percebido pelos clientes como de qualidade (Slack et al., 2009).

Dessa forma, propõe-se um uma maior cautela nesse aspecto, tendo em vista que a empresa tem uma política de estoque zero. Uma sugestão eficaz é iniciar uma política de estoque mínimo, no sentido de suprir essa demanda iminente, dando fôlego para os fornecedores atenderem as demandas que se fizerem necessárias.

CONCLUSÃO

A empresa objeto do estudo, segundo sua gestora, tem crescido substancialmente na participação do mercado de vendas de cosméticos na cidade de Formosa, e em função desse aumente, propõe-se que algumas medidas sejam adotadas;

Não obstante, sugere-se algumas medidas mitigatórias dos problemas identificados, que seguem a seguir; Enfatização na questão da apresentação pessoal dos vendedores, procurando desenvolver treinamento sobre a questão apresentação pessoal, maquilagem, vestimentas, etc., e, ao mesmo tempo, acompanhar com maior efetividade das atividades externas dos vendedores, no que tange a questão da manutenção da apresentação pessoal ótima, procurando dessa forma, também, estabelecer uma relação com a apresentação pessoal dos vendedores e os produtos oferecidos.

Promover seminários, envolvendo fornecedores, empresa, vendedores e clientes da empresa, com o objetivo de integrar com maior efetividade o relacio-

namento entre os atores envolvidos no processo. Aprimorar o plano de cargos e salários dos vendedores, estabelecendo-se metas mais agressivas, e premiando-se os melhores resultados, seja através de uma promoção funcional, financeira, etc. Desenvolver política de marketing mais agressiva, procurando buscar novos mercados, através da segmentação, bem como a manutenção dos clientes já existentes, procurando-se estabelecer uma relação mais profícua de relacionamento entre o produto, marca e os desejos, expectativas e necessidades dos clientes.

Quanto a propostas de mudanças no processo de vendas e tendo como base a análise das respostas obtidas na aplicação dos questionários, percebe-se que existe uma significativa falta de estratégia de logística, no sentido de se honrar com todos os compromissos assumidos com os representantes e seus clientes.

Para que essa mudança, no processo de logística seja coberto de êxito, faz-se necessário realizar um novo planejamento estratégico de produção. Além das medidas sugeridas em outro tópico, pode-se suplementar com sugestões que vão no sentido de realizar novos contatos com fornecedores que tenham condições de arcar com todas as responsabilidades de entrega dentro dos prazos previstos, sem que para isso, a qualidade dos produtos seja penalizada.

Quanto aos limites da aplicação das propostas e resultados esperados, percebe-se que a elaboração de um planejamento estratégico mais estruturado, não depende somente dos pontos de distribuição; depende, principalmente da Matriz, no sentido de abrir um pouco mais a participação de todas pessoas envolvidas no processo de venda e distribuição dos produtos.

Portanto, essa pesquisa serviu para identificar alguns gargalos, poucos, mas existentes, em todo o processo de oferta, negociação e venda dos produtos da marca Cosméticos, e ainda perceber que o atendimento sugerido pela empresa e percebido como satisfatório pelos clientes entrevistados que é um ponto de fundamental importância para o bom desempenho das atividades empresariais.

Dessa maneira, utilizando-se dessas poderosas ferramentas, torna-se improvável o insucesso das atividades da empresa no mercado em que atua, e, ao mesmo tempo, sugere-se que as propostas elencadas sejam encaminhadas à gestora da empresa, dando subsídios para o aprimoramento de suas atividades. Para trabalhos futuros sugere-se o levantamento das estratégias de marketing de empresas que fabricam com produtos de beleza no contexto pandêmico do novo Coronavírus.

REFERÊNCIAS

Abreu, R.T.N. (2021). A importância da gestão de pessoas na promoção do bom clima organizacional. *Diversità*, *7(1)*, p.118 – 128.

Antunes, R. (2009). O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural. *Theomai*, *19*, p. 47 – 57.

Azeredo, F.C. (2019). Treinamento e desenvolvimento como instrumento de retenção de talentos nas organizações. *Revista Brasileira de Administração Científica*, *10(1)*, 14 – 30.

Borges, N.S.S.C. (2019). *Avaliação institucional interna na Educação Profissional Técnica de Nível Médio: instrumento de melhoria do ensino.* Dissertação de Mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, AM, Brasil. http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/302

Borges, N.S.S.C., Silva, R.O. & Nascimento-e-Silva, D. (2020). Gestão participativa e padronização em espaços pedagógicos: percepção dos integrantes de uma instituição de educação profissional e tecnológica. *Interfaces da Educação*, *11(32)*, 79 – 105.

Brasil. (1998). *Emenda Constitucional n ° 19, de 4 de junho de 1998*. Brasília: Senado Federal.

Canham, S., Wister, A. & O'dea, E. Strenghs, weakness, opportunities and threats to housing first in Metro Vancouver. *Evaluation and Program Planning*, *75*, p.69-77.

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede.* São Paulo: Paz e Terra.

Chiavenato, I. (2000). *Administração nos novos tempos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus.

Chiavenato, I. (1994). *Administração: Teoria, processo e prática.* 3.ed. São Paulo: Makron Books.

Chiavenato, I. (2020). *Recursos Humanos: O Capital Humano das Organizações*. 11th. ed. São Paulo: Atlas.

Cruz, M.N., Trocolli, I.R., Peixoto, A.M.N. & Ponte, L.F. (2013). Canal de venda direta e sua operacionalização no Brasil: breve revisão teórica. *UNOPAR Cient. Ciênc. Juríd. Empres., 14(1)*, p. 109 – 117.

Delgado, B.F.F. (2020). *A importância do capital humano nas organizações: estudo aplicado numa seguradora portuguesa.* Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico do Porto, Porto, POR, Portugal.. https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/7799/1/Bruna_Delgado_MCF_2015.pdf

Dutra, J. S., Dutra, T. A. & Dutra, G. A. (2017). *Gestão de pessoas: realidade atual e desafios futuros*. Campos Elísios: Grupo GEN, 2017.
Gil, A. C. (1994). *Como elaborar projetos de pesquisa.* 4. ed. São Paulo: Atlas.

Gil, A.C. (2017). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Grupo GEN.

Gil, A.C. (2019). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa.* 7 ed. São Paulo: Atlas.

Graban, M. (2013). *Hospitais Lean*. Porto Alegre: Bookman.

Guissoni, L.A., Rodrigues, J.M. & Crescitelli, E. (2014). O efeito da distribuição sobre *market share* em diferentes canais. *RAE*, *54(6)*, p. 620 – 632.

Koberovicz, M. & Stefano, S.R. (2020). Engajamento no trabalho: uma análise do engajamento de servidores públicos estaduais de uma instituição de ensino superior. *Revista de Carreira e Pessoas*, *10(1)*, p.9 – 19.

Kotler, P. (2000). *Marketing para o século XXI.* São Paulo: Futura.

Kanaane, R. (2017). *Comportamento Humano nas Organizações* 3. ed. São Paulo: Grupo Atlas.

Madruga, R. (2017). *Treinamento e desenvolvimento com foco em educação corporativa*. São Paulo: Editora Saraiva.

Minayo, M.C.S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa na área da saúde.* São Paulo: Hucitec.

Marras, J. P. (2000). *Administração de recursos humanos: do operacional ao estratégico.* 6.ed. São Paulo: Futura.

Nascimento-e-Silva, D. (2011). *Compreendendo o processo gerencial.* Manaus: IFAM.

Nascimento-e-Silva, D. (2017). *Gestão de organizações de ciência e tecnologia: ferramentas e procedimentos básicos***.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas.

Nascimento-e-Silva, D., Simões. C.S.; Soares, M.L. & Pereira, A.M.A. (2013). Proposição de uma sistemática de avaliação de aprendizagem na formação de administradores com base no processo gerencial. *Rev. Adm. Universidade Federal de Santa Maria*, *6(4)*, p. 640 – 657.

Oliveira, E.S. & Nascimento-e-Silva, D. (2020). Gerenciamento participativo de recursos em espaços pedagógicos. *Revista de Gestão e Avaliação Educacional, 9(18)*, p. 1 – 19.

Prodanov, C.C. & Freitas, E.C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale.*

Rabbi, B. & Monteiro, F.N.C. (2018). Análise da viabilidade de implementação de uma franquia fast-food no município de Santo Antônio de Pádua utilizando ferramentas de gestão. *Brazilian Journal of Development*, *4(5)*, p. 2377 - 2393

Robbins, S. P. (2002). *Comportamento organizacional*. 9ed. São Paulo: Prentice Hall.

Robbins, S.P. (2007). *Comportamento orgnanizacional*. 9 ed. São Paulo: Pearson Education; Valinhos: Anhanguera Educacional.

Rodrigues, J.P.R. (2020). *Melhoria do desempenho do processo de produção de antenas numa empresa do setor automóvel.* Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, POR, Portugal. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/70457/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jo%C3%A3o%20Paulo%20Ribeiro%20Rodrigues.pdf

Rodrigues, J.L., Arantes, R.C. & Ferreira, A.C. (2018). Marketing pessoal na carreira profissional de vendedores de automóveis: um estudo em um município da região do Alto Paranaíba. *Revista Brasileira de Gestão e Engenharia*, 17, p. 99 – 121.

Silva, R.O. (2019). *Proposta de autocapacitação para coordenadores de graduação.* Dissertação de Mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, AM, Brasil. http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/381

Silva, R.O., Oliveira, E.S., Sá Filho, P. & Nascimento-e-Silva, D. (2019). O ciclo PDCA como proposta para uma gestão escolar eficiente. *Revista de Gestão e Avaliação Educacional, 8(17)*, p. 1 – 13.

Silva, R.O., Campos A.J.C., Melo, P.A. & Nascimento-e-Silva, D. (2021). Undergraduate coordinator: competences required according to management principles. *Revista de Gestão e Avaliação Educacional, 10(19)*, p. 1 – 17.

Slack, N,. Chambers, S. & Johnston, R. (2009). *Administração da produção*. 3 ed. São Paulo: Saraiva.

Souza, S.A., Carvalho Júnior, C.V.O. & Albuquerque, K.S.L. (2012). Auditoria externa em organizações do terceiro setor: um estudo da percepção de contadores e não contadores. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, *2(2)*, p. 47 – 60.

Trevelato, E., Silva, G., Pantaleão, J. & Fonseca, B.G. (2018). A obtenção de vantagem competitiva através do treinamento e desenvolvimento de pessoas. *Revista Científica*, *1(1)*, 1 – 8.

Vergara, S.C. (2002). A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços. *Revista de administração de empresas*, *42(3)*, p. 1-14.

10.48209/978-65-89949-95-3

CAPÍTULO 3

A IMPORTÂNCIA DA EQUOTERAPIA PARA O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: BENEFÍCIOS DETECTADOS A PARTIR DA LITERATURA CIENTÍFICA NACIONAL

Bruna Leticia Cagalli de Mello; José Carlos Guimaraes Junior; Valquíria Ferreira Ribeiro; Francisco Carneiro Braga; Roberto Lopes Sales; Erliandro Felix Silva; Jean Carlos Triches; Welligton Santos de Paula; Antônio Ciro Pereira Soares

Resumo: O autismo ou Espectro Autista é uma pane neurofisiológica que cria dificuldade e problemas entre os processos cerebrais, também é caracterizado como um transtorno neurobiológico, genético e hereditário, o que significa que este transtorno é apresentado por algum membro da família, como a mãe, pai ou irmão/ã. O estudo tem por objetivo destacar os benefícios da equoterapia para o tratamento do espectro autista. O estudo é de natureza bibliográfica, caracterizado como exploratório e descritivo e com abordagem qualitativa. Os estudos foram selecionados na base de dados *Google* Acadêmico. Os resultados apontam que os benefícios gerados pela equoterapia são mais perceptíveis no desenvolvimento motor, cognitivo e social dos autistas. A equoterapia consegue demonstrar o seu grau de eficiência por conta do movimento tridimensional do cavalo, o qual estimula movimentos que favorecem o desenvolvimento de quem está na montaria deste animal. O estudo reitera a necessidade de que os profissionais envolvidos neste processo sejam especializados e que o animal utilizado para a equoterapia esteja em boas condições de higiene e com a sua vacinação em dias. O estudo concluiu que a equoterapia representa um excelente tratamento para o espectro autista, potencializando aspectos físicos, biológicos e sociais, estimulando maior participação nos meios de convivência.

Palavras-chaves: Indivíduo; Espectro; Autismo; Transtorno.

INTRODUÇÃO

O Espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que atinge de 1% a 8% das crianças. Geralmente associado a fatores genéticos e hereditários, ambientais, sociais e/ou casos de gestação e partos com complicações e situações adversas. Acomete mais do sexo masculino do que do sexo feminino. Sendo que para cada quatro meninos, uma menina é portadora do transtorno.

O Autismo ou Espectro autista (TEA) são entidades diagnósticas em uma família de transtornos de neurodesenvolvimento, nos quais ocorre uma ruptura nos processos fundamentais de socialização, interação, comunicação, e no aprendizado. Os sinais que percebermos em um indivíduo autista é: os movi-

mentos e ações repetitivas, o não olhar nos olhos quando se é dirigido à palavra, ou para os objetos que todas as pessoas estão olhando. Não compreendem o conceito e definição de metáforas, e palavras com segundo sentido, ou seja, entendem tudo ao pé da letra.

De acordo com o tipo e grau do autismo, deve-se encontrar o melhor tratamento para melhorar a vida da criança, pois como essa é uma doença que não tem cura, depende muito da habilidade do profissional, que deve trabalhar de forma individualizada seus aspectos motores, sensório-motores, tônus global, tônus postural, coordenação motora, equilíbrio, lateralidade, noção espacial, planejamento motor, esquema corporal e imagem corporal, bem como regulação sensório motora, tudo aliado com uma e com a equipe e a família. Por isso torna-se eficaz uma pesquisa sobre uma conduta fisioterápica adequada no tratamento de crianças acometidas com o TEA (Anjos et al., 2017).

Podemos observar também que os autistas usam rimas sem sentido, são retraídos e inibidos, preferem brincar sozinhos ao invés de acompanhado, brincam com objetos estereotipados, mecanizados e sempre do mesmo jeito, que manifestam dificuldades com o uso de gestos e expressões faciais, apresentam interesses restritos e também sensibilidades sensoriais.

Outros sintomas que podemos destacar são a indiferença afetiva, pois não conseguem ter empatia e se colocar no lugar do outro, não apresentam auto- percepções, não manifestam emoções, não têm noção do perigo, não se interagem e poucos cooperam e reconhecem a presença de outras pessoas no ambiente. Outro fator que podemos incluir nos portadores do transtorno do espectro autista é na área da linguagem. Como dito acima, eles têm dificuldade em se comunicar e muitas vezes não consegue falar nenhuma palavra, não entendem sarcasmo e nem piadas.

O diagnóstico precoce é um importante aliado para o tratamento do mesmo, pois se demorar algumas habilidades que haveria de ter adquirido, o indivíduo não adquire, devendo. Portanto, observar desde muito cedo os primeiros sinais do autismo, que apresentam desde os primeiros meses de vida como, por exemplo: o olhar perdido do bebê quando é amamentado pela mãe no peito, ou quando mais ou menos aos oito meses de vida, o bebê aceita o colo de qualquer um, porque nessa idade o bebê sem o transtorno chora se não estiver no colo da mãe.

Além desses sinais de alerta no diagnóstico precoce, também o choro ininterrupto, uma inquietação constante ou, ao contrário, uma apatia exacerbada, o incomodo com o toque, com alguns sons e com certas texturas de alimentos, o que chega a dificultar demais a transição do leite para as comidas sólidas também merecem atenção.

O presente estudo tem por objetivo destacar os benefícios da equoterapia no tratamento de autistas consoante a literatura científica nacional. Compreendemos que este tema é de grande relevância para o campo do autismo, posto que os resultados obtidos com a prática correta da equoterapia gera benesses para seus praticantes no campo cognitivo, social e motor.

Oliveira (2018) mostra que o tratamento fisioterapêutico, quando iniciado de forma precoce, pode trazer maiores benefícios para a criança levando em conta a plasticidade cerebral e proporcionando um melhor desenvolvimento e entendimento do esquema corporal. Assim, a equoterapia é um método terapêutico e educacional que tem o cavalo como um auxiliar para o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com algum grau de deficiência e/ou com necessidades especiais.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada se baseou em alguns métodos científicos existentes para que fosse possível a produção de seus resultados. No entender de Severino (2014), é por meio dos métodos científicos que se torna possível a ocorrência das descobertas nos mais diversos campos do saber. Isto confere aos estudos científicos um caráter sistemático, no qual um determinado protocolo deve ser obedecido, condição esta que se faz necessária para gerar resultados de pesquisa transparentes e confiáveis (Capocasa & Volpi, 2019; Ketokivi & Choi, 2014; Silva, Ferreira, Souza, Rivera & Nascimento-e-Silva, 2020).

Neste sentido, o presente estudo pode ser considerado como bibliográfico. Para Gil (2019), este tipo de estudo é feito diante de consultas feitas em artigos, teses, dissertações e demais materiais que versam sobre as temáticas de pesquisa que integram a investigação científica. O estudo também pode ser visto como exploratório. Para Prodanov e Freitas (2013), os estudos exploratórios são aqueles em que se percebe a necessidade da geração de mais conhecimentos a respeito de um determinado tema.

Além disso, o texto se enquadra na categoria de pesquisa descritiva. Na interpretação de Fontelles, Simões, Farias e Fontelles (2009), as pesquisas de cunho descritivo se notabilizam pela feitura dos registros a respeito de um dado problema ou fenômeno, sem que o mérito de seu conteúdo seja analisado. O estudo também pode ser considerado como qualitativo. Na visão de Minayo (2013), estes estudos tem por objetivo captar a essência na fala das pessoas que participam de um estudo. No caso específico do presente estudo, não foram entrevistadas pessoas, mas sim o conteúdo de estudos que confirmam e elencam os benefícios gerados pela prática da equoterapia por autistas. Estas benesses estão discriminadas na seção 4, a qual corresponde aos resultados do estudo. Os trabalhos que fundamentam esta etapa do artigo foram selecionados na base

de dados *Google Acadêmico*, por meio da leitura atenta dos resumos de cada material selecionado.

ESPECTRO AUTISTA: ESCOPO CONCEITUAL

Quando falamos em autismo logo pensamos em um indivíduo ou uma criança isolada em seu próprio mundo e totalmente exclusa das coisas de fora, ou seja, um indivíduo “em sua própria bolha”, numa bolha impermeável. Os estudos de Camargo e Bossa (2012) demonstram que os portadores do transtorno do autismo possuem alguns sintomas em comuns: o neurodesenvolvimento infantil caracterizado por dificuldades de interação social, ou seja, não consegue se interagir com as pessoas, colegas de escola, familiares, etc.; dificuldades de comunicação, ecolalia, ou tem aqueles que não apresentam fala. Possuem comportamentos repetitivos, como o nadar nas pontas dos pés, ou de um lado para outro, balançar o corpo e as mãos (*flapping*) apresenta também interesses restritos, ou seja, um interesse intenso e focalizado em um assunto em particular.

Segundo Cachón, Frutos e Revilla (2017), outros sintomas acometidos ao autista são; os movimentos corporais estereotipados como o agitar as mãos, uma hipersensibilidade do olfato, escutam todos os sons ao mesmo tempo, possuem também hipersensibilidade ao tato com alguns tipos de texturas como o áspero, o mole, etc. Além disso, possuem uma seletividade alimentar muito intensa, e em alguns casos só comem alimentos de uma só cor ou de uma determinada textura. Há alguns hábitos que são incomuns entre os autistas como cheirar objetos ou olhar atentamente para objetos em movimento.

Em conformidade com Mendonça (2019). As pessoas autistas têm problemas para manter se em relacionamento com pessoas, porque não entendem algumas formas de comportamentos não verbais típicos como expressões faciais, gestos físicos, contato visual, gírias, sarcasmo e palavras de duplo sentido.

Isso provoca muitas vezes principalmente nas escolas com crianças o chamado *bullying*, porque as outras crianças não entendem que os autistas não compreendem certas expressões e tem dificuldade para se expressarem.

Para Onzi e Gomes (2015), o diagnóstico precoce é relevante principalmente se a criança for ainda muito pequena, por causa das redes neurais no cérebro, porque quanto mais você oferece estímulo prévio, mais o cérebro pode formar muito mais conexões referentes às habilidades almejadas, e, além disso, quanto mais precoce intervir mais fácil o cérebro irá responder. Os autistas têm dificuldade de entender situações abstratas e de compreenderem as coisas apenas no ouvir, pois entendem melhor quando se utiliza de figuras visuais, isso favorece o desenvolvimento na hora de expressar seus sentimentos, por causa da dificuldade em se comunicar e de se interagirem.

A atividade de musicoterapia também contribui para o tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA), onde o objetivo é expressar os sentimentos através da música ou da dança e não tocar ou aprender um instrumento em si, aliado a psicoterapia que também é uma técnica que oferece melhorias no tratamento do transtorno do espectro autista (Silva & Moura, 2021). Na psicoterapia, o psicólogo realiza sessões semanais que podem também ser utilizados por um Terapeuta Ocupacional (TO), onde o paciente aprende e é auxiliado a se vestir, escovar os dentes, trocar de roupa sozinha, aprender a amarrar os sapatos e controlar os movimentos repetitivos que são um sintoma comum entre os autistas, desenvolvendo assim sua autonomia.

O estudo de Majewski e Oliveira (2019) aponta alguns cuidados antes de colocar os praticantes na equoterapia. É muito importante que o animal esteja em boas condições higiênicas, estarem bem alimentados, limpos, com suas vacinas e remédios em dia para evitar algumas doenças. Também é muito importante que os cavalos sejam mansos, tranquilos e dóceis, devem estar acostumados com

os toques leves ou brutos em todo o corpo, estar adestrado para se utilizar de matérias de apoio lúdico, bem como ocorrências inusitadas e de desequilíbrio do paciente.

Gomes et al. (2015) cita em seus estudos que a equoterapia colabora na melhora de padrões do desenvolvimento motor do autista por causa do movimento tridimensional do cavalo, com isso é transmitido para o cérebro várias terminações nervosas aferentes, preparando o praticante para uma atividade motora mais complexa, isso aumenta também a socialização e fornece condições para se desenvolver em conjunto com outras habilidades que estão interligadas ao desenvolvimento da capacidade global do praticante autista.

As sessões de equoterapia são consideradas como um recurso terapêutico porque se relaciona com a reabilitação, o que difere do tratamento clínico convencional porque é praticada ao ar livre propiciando um vínculo afetivo a equipe terapêutica, os praticantes e o cavalo por isso são um tratamento diferenciado (Eckert (2014). Concomitante com Cruz e Pottker (2017) o contato com o equino desenvolve formas novas de comunicação, autoconfiança, autoestima, além disso traz uma enorme satisfação em montar um cavalo que os aceitam como eles são, com isso colabora para que eles se expressem seus sentimentos de uma maneira melhor, além disso ajuda nos sons, palavras e aumenta a capacidade cognitiva deles.

BENEFÍCIOS DA EQUOTERAPIA PARA AUTISTAS

Após a realização de uma leitura atenta e crítica aos materiais sugeridos pelo *Google* Acadêmico, optou-se pela seleção de 3 materiais cujo teor se mostrou pertinente aos objetivos de pesquisa. O primeiro destes estudos consistiu numa revisão integrativa de literatura, cuja autoria é de Ferreira et al. (2022). Este primeiro artigo tem como título “A influência da equoterapia sobre o equilíbrio de

crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa da literatura". A metodologia adotada por Ferreira et al. (2022) abarcou a realização de levantamentos em bases de dados como, por exemplo, SciELO, LILACS e PubMed. Após a feitura destes levantamentos os autores do referido estudo selecionaram um total de 5 estudos, cada um com as suas características e trazendo em seu teor alguma contribuição teórica relevante sobre esta questão da influência da equoterapia para autistas, mais especificamente crianças e adolescentes que se encontram nesta condição. Os artigos selecionados e as informações pertinentes a cada um deles estão no Quadro 1.

Quadro 1. Estudos selecionados pelo estudo de Ferreira et al. (2022).

Autor/Ano	Categoria do Estudo	Objetivo	Resultados
Ajzenman, Standeven e Shurtleff (2013)	Estudo experimental	Constatar que a equoterapia melhora o patamar de participação de crianças com TEA	O estudo demonstrou avanços no equilíbrio, no balanço postural e na participação social
Harris e Williams (2017)	Estudo de caso-controle	Caso-controle de uma intervenção de equitação para crianças com TEA	O estudo evidenciou avanços no funcionamento social e motor de crianças e adolescentes autistas
Sônego, Cavalante, Sousa e Quaggio (2018)	Estudo exploratório-descritivo	Avaliação do benefício gerado pela equoterapia em crianças na faixa etária de 2 a 11 anos	Os participantes do estudo demonstraram melhora no equilíbrio postural

Srinivasan, Cavagnino e Bath (2018)	Revisão sistemática	Averiguação dos efeitos da equoterapia em crianças autistas	Avanços nas funções cognitiva e motora
Trzmiel, Purandare, Michalak, Zasadzka e Pawlaczyck (2019)	Revisão sistemática com meta-análise	Avaliação da eficácia da equoterapia em crianças e adolescentes com TEA	Melhorias identificadas no equilíbrio e no tônus muscular dos participantes

Fonte: Ferreira et al. (2022).

Com relação aos estudos vistos no Quadro 1, todos são unânimes ao apontar pelo menos um benefício alcançado com a prática da equoterapia voltada a crianças e adolescentes autistas. É interessante notar a questão da melhora na questão do equilíbrio postural, benefício este presente em Ajzenman et al. (2013) e Sônego et al. (2018). Além disso, a questão da participação social foi outra benesse destacada no estudo feito por Ferreira et al (2022). Este benefício integra os resultados dos estudos de Ajzenman et al. (2013) e Harris e Williams (2017). Além disso, benefícios de ordem física e cognitiva também foram identificados.

É oportuno destacar a questão da melhoria na participação social dos autistas. Estudos feitos por Oliveira e Nascimento-e-Silva (2020), Borges, Silva e Nascimento-e-Silva (2020) e Valle, Nascimento-e-Silva e Silva (2020) destacam que a participação social é um fenômeno relevante para a sociedade, no qual os indivíduos possuem liberdade para fazer suas deliberações e assumir os efeitos advindos de suas decisões. Nesta perspectiva, pode-se considerar que a equoterapia auxilia neste processo de inclusão dos autistas em seus respectivos meios

de convivência, além de estimular aspectos físicos e cognitivos de seu processo evolutivo (Harris & Williams, 2017; Srinivasan, Cavagnino & Bath, 2018; Trzmiel et al. 2019).

O segundo estudo escolhido para compor este trecho do artigo é da autoria de Tessman et al. (2021), cujo título é “Equoterapia como ferramenta para o tratamento de transtorno do espectro autista”. Dentre as contribuições teóricas trazidas por Tessman et al. (2021) em seu estudo, destacam-se:

a) O participante do tratamento de equoterapia vivencia novas sensações ao interagir com o cavalo, sensações estas que influenciam positivamente em sua evolução tanto motora como cognitiva;

b) A socialização é potencializada neste tipo de tratamento, posto que o paciente interage não somente com o cavalo, mas também com os demais colegas e os integrantes da equipe multidisciplinar, os quais acompanham o paciente na execução desta atividade;

c) Ainda que pareça uma tarefa básica, o fato de andar a cavalo em círculos auxilia na recuperação do paciente por conta dos movimentos que são necessários para cumprir o percurso, e;

d) É necessário atentar para a qualificação dos profissionais que atuam na equoterapia, posto que é preciso zelar pela segurança dos pacientes, bem como para a execução correta da atividade.

No campo dos benefícios, citando Bueno e Monteiro (2011), o estudo de Tessman et al. (2021) menciona que nenhum aparelho consegue ao menos simular a dinâmica de movimentos feitos pelo cavalo, o que faz com que a atividade referente a equoterapia beneficie as crianças autistas no que tange a melhoria de funções psicológicas e neuromusculares. Ainda segundo Tessman et al. (2021), o fato de o cavalo ter porte imponente e ser um animal grande quanto ao seu tamanho, é uma criatura dócil, a qual pode demonstrar afetividade com os humanos.

Na seara das contribuições referentes as benesses da equoterapia para autistas, a pesquisa de Tessman et al. (2021) descreve as fases que integram o processo de equoterapia. São elas: a) hipoterapia; b) educação/reeducação; c) pré-esportiva, e; d) hipismo. O Quadro 2 descreve as características de cada uma destas fases.

Quadro 2. Fases da equoterapia para autistas

Fase	Descrição
Hipoterapia	Desenvolvido para reabilitar pacientes que não possuem condições físicas ou mentais para se manter acima do dorso do cavalo. Se caracteriza pela necessidade maior do apoio da equipe multidisciplinar, em especial os fisioterapeutas.
Educação e Reeducação	O participante possui uma certa autonomia na montaria, com o cavalo sendo utilizado como instrumento pedagógico. Aqui se faz necessário o apoio do auxiliar-lateral e do auxiliar-guia.
Pré-Esportivo	É representado por atividades feitas com outros praticantes de equoterapia. Aqui o sujeito atendido já demonstra destreza ao conduzir o cavalo, sendo este animal aqui utilizado para facilitar a inserção social.
Hipismo	Consiste num programa recomendado pela Associação Nacional de Equoterapia, cujo objetivo é gerar benesses de cunho desportivo, terapêutico e educacional, os quais podem ser gerados por meio dos programas de equitação básica.

Fonte: Adaptado de Tessman et al. (2021) e Teixeira, Sassá e Silva (2016).

Este resultado gerado no Quadro 2 demonstra que a equoterapia consiste num processo evolutivo, por meio do qual se percebe o desenvolvimento do paciente a medida em que o seu grau de dependência junto aos especialistas que asseguram o monitoramento deste tratamento. Independentemente da fase em que a criança ou adolescente autista se encontre, é fundamental que ao longo de todo o processo haja o estímulo a socialização, seja com o cavalo, seja com as demais pessoas ao redor. Nos casos em que a criança autista apresenta grande dificuldade de se expressar, a linguagem de sinais, placas, imagens e a utilização de objetos lúdicos nas sessões de equoterapia é um recurso recomendável para superar este déficit comunicacional (Tessman et al., 2021; Whitman, 2015).

O terceiro estudo escolhido é da autoria de Silva, Gonçalves e Graví (2021), cujo nome é “A equoterapia como recurso terapêutico do transtorno autista (TEA) – revisão de literatura”. Dentre as contribuições trazidas por este estudo, destaca-se o porquê do cavalo ser o animal apropriado para este tipo de atividade. Na interpretação de Silva et al. (2021), o cavalo possui como característica o seu movimento tridimensional, o que simula a marcha humana. Isto faz com que os autistas ao praticarem equoterapia consigam ter evolução em seu desenvolvimento motor.

Além disso, Silva et al. (2021) destacam em seu estudo que o cavalo na equoterapia possui sua relevância ampliada, posto que ali não está o equino, mas sim um recurso cinesioterapêutico, cuja montaria produz diversos estímulos que potencializam a melhoria do aspecto motor dos pacientes. O estudo de Silva et al. (2021) conclui que os benefícios da equoterapia para autistas podem ser vistos em três grandes áreas: a) social; b) cognitiva, e; c) motora. Diante destes resultados, constata-se que a equoterapia no campo do autismo representa um importante aliado no que se refere a potencialização dos autistas, em especial as crianças. Diante de sua significância, esta atividade carece de estudos mais aprofundados que possam detalhar com maior assertividade o grau de influência da equoterapia no campo evolutivo dos autistas.

A atividade de equoterapia é um dos tratamentos mais complexos e com diversos benefícios para o tratamento dos pacientes com autismo. Proporciona socialização com os animais e interação com as pessoas que estão responsáveis no cuidado e no profissionalismo da técnica, bem como o equilíbrio corporal da criança que é em algumas vezes bem prejudicado por causa do transtorno (Ferreira et al., 2022).

As práticas de equoterapia não só melhoram a parte física do autista, por causa do andar do cavalo que é tridimensional, mas melhora sua comunicação com as pessoas, porque eles vão aprender o cuidado com o cavalo, vão ajudar a tratar deles na hora de suas sessões e saber que o cavalo se comporta muitas vezes igual a eles vai fazer com que eles se identifiquem, gostem e com isso colaborara para alguns sintomas que eles apresentam devido ao transtorno do espectro autista (Silva et al., 2021).

As sessões de equoterapia se tornam uma atividade prazerosa e não algo que eles vão sentir incomodados e fora do mundo deles. A atividade de Equoterapia demanda uma certa cota de esforço e dedicação, além de paciência dos pais ou responsáveis pela criança, além de um pouco de paciência, onde o processo de aquisição de confiança obtida pela criança durante a prática dos exercícios, é de extrema necessidade e importância, tendo em vista que é uma atividade nova para a criança, devendo passar por um breve período de adaptação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Equoterapia baseia-se numa relação de transferência e triangular entre terapeuta -praticante – cavalo, o que poderá possibilitar ao indivíduo o acesso entre seu mundo imaginário e a realidade, ao mesmo tempo, o cavalo emprega uma função de intermediário entre o mundo intrapsíquico do praticante. composto de desejos, fantasmas, angústias e o mundo externo, ocupando o espaço lúdico do praticante

Podemos concluir com este trabalho que o autista leve e com diagnóstico precoce pode sim viver uma vida normal, saudável, com autonomia e melhorando a cada dia suas limitações, podem ter suas profissões, sua própria família e conviver normalmente em sociedade. Dessa forma, o processo de conhecimento da forma que a atividade é exercida pelos centros de que oferecem essa atividade, e importante para que os pais possam avaliar as atividades e os profissionais que estão prestando esses serviços, possibilitando assim que os resultados obtidos durante todas as aulas, possam ser avaliadas pelos responsáveis, pois, apesar de ser uma atividade muito indicada, nem todas as crianças ficam a vontade nessa atividade e, consequentemente, não produzem os resultados que são almejados.

De qualquer forma, esse artigo serve de início de uma análise da atividade de equoterapia para crianças autista, porém sem querer finalizar as diversas discussões que são de fundamental importância para a melhoria e aprimoramento dos estudos a respeito dessa modalidade de terapia; assim, acreditamos que esse material servirá de base conceitual para que futuros estudos sejam realizados, promovendo assim maiores análises em situações particulares, como um estudo de caso, por exemplo. Para estudos futuros, sugere-se uma pesquisa que demonstre as tecnologias assistivas existentes no campo da educação para autistas.

REFERÊNCIAS

Ajzenman, H., Standeven, J.W. & Shurtleff, T.L. (2013). Effect of hippoteraphy on motor control, adaptive behaviors and participation in children with autism spectrum disorder: a pilot study. *The American Journal of Occupational Therapy*, *67(6)*, p. 653 – 663.

Anjos, C.C. et. Al. (2017). Perfil psicomotor de crianças com Transtorno do Espectro Autista em Maceió/AL. **Revist. Port.: Saúde e Sociedade**. 2 (2): 395-410.

Borges, N. S. D. S. C., da Silva, R. O., & Nascimento, D. (2020). Gestão participativa e padronização em espaços pedagógicos: percepção dos integrantes de uma instituição de educação profissional e tecnológica. *Interfaces da Educação*, *11(32)*, 79-105.

Bueno, R.K. & Monteiro, M.A. (2011). Prática do psicólogo no contexto interdisciplinar da Equoterapia. *Revista Eletrônica de Extensão e Vivências*, *7(13)*, p. 172 – 178.

Cachón, D.V., Frutos, L.A.F. & Revilla, A.D.O. Adaptação de direitos para crianças com educação do autismo e cuidados com área física receptor de uma escola especial. *Revista Científica Olimpia*, *14(42)*, p. 7 – 15.

Camargo, S.P.H. & Bossa, C.A. (2012). Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. *Psicologia: Terapia & Pesquisa*, *28(3)*, p. 315 – 324.

Capocasa, M., & Volpi, L. (2019). The ethics of investigating cultural and genetic diversity of minority groups. *Homo*, 233-244.

Cruz, B.D.Q. & Pottker, C.A. (2017). As contribuições da equoterapia para o desenvolvimento psicomotor da criança com transtorno de espectro autista. *Uningá Review Journal*, *32(1)*, p. 147- 158.

Eckert, D. (2014). *Equoterapia como recurso terapêutico: análise eletromiográfica dos músculos reto do abdômen paravertebral durante a montaria.* Dissertação de Mestrado, Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, Brasil. https://portalidea.com.br/cursos/75eb703cae773f8756719a117cc73c26.pdf

Ferreira, J.D.S. et al. (2022). A influência da equoterapia sobre o equilíbrio de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, *11(2)*, p. 1 – 7, 2022.

Fontelles, M. J. et al. (2009). Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. *Revista paraense de medicina*, *23(3),* 1-8.

Gil, A.C. (2019). *Como elaborar projetos de pesquisa.* São Paulo: Atlas.

Gomes, P.T.M. et al. (2015). Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. *J. Pediatr.*, *91(2*), p.111 – 121.

Harris, A. & Williams, J.M. (2017). The impact of a Horse Riding Intervention on the social functioning of children with autism spectrum disorder. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *14(7)*, p.776.

Ketokivi, M., & Choi, T. (2014). Renaissance of case research as a scientific method. Journal of Operations Management, 32(5), 232-240.

Majewski, R.L. & Oliveira, D.S.O. (2019). Equoterapia – a importância da avaliação do equino como instrumento terapêutico. *Revista Vivências*, *16(30)*, p. 233 – 246.

Mendonça, S. (2019). *Neurodivergentes: autismo na contemporaneidade*. Manduruvá Especiais: [*s.l.*].

Minayo, M.C.S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* São Paulo: Hucitec.

Oliveira, J.D.P. (2018). Intervenção fisioterapêutica no transtorno do espectro autista: relato de caso. *Fisioter Bras*. 19 (5Supl), p. S266-S271.

Oliveira, E. S., & Nascimento, D. (2020). Gerenciamento participativo de recursos em espaços pedagógicos. *Regae-Revista de Gestão e Avaliação Educacional*, 9(18), 1-19.

Onzi, F.Z. & Gomes, R.F. (2015). Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e da reabilitação. *Caderno Pedagógico*, *12(3)*, p. 188 – 199.

Prodanov, C. C., & De Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição*. Novo Hamburgo: Editora Feevale.

Severino, A. J. (2014). Dimensão ética da investigação científica. *Práxis Educativa*, *9(1),* 199-208.

Silva, S.C.J. & Moura, R.C.R. (2021). Musicoterapia e autismo em uma perspectiva comportamental. *Rev.Neurocienc.*, *29*, p. 1 – 27.

Silva, S.R., Gonçalves, B.S. & Graví, M.D.S. (2021). A equoterapia como recurso terapêutico do transtorno do espectro autista (TEA). *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, *13(3)*, p.1.

Silva, R. O. et al. (2020). Definition, elements and stages of elaboration of research protocols. *Research, Society and Development*, *9(10),* p. 1 – 20.

Sônego, G.L. et al. (2018). Contributions of equotherapy to the development of disable children: an interdisciplinar approach. *Rev. Salusvita*, *37(3)*, p.653 – 67.

Srinivasan S.M., Cavagnino, D.T. & Bhat, A.N. (2018). Effects of equine therapy on individual with autismo specrtum disorder. A systematic review. *Review Journal of autism and developmental disorders*, *5(2)*, p.156 – 175.
Teixeira,

Teixeira, E.V., Sassá, P. & Silva, A.D.M. (2016). Equoterapia como recurso terapêutico na espasticidade de membros inferiores em crianças com Paralisia Cerebral Diplégica. *Revista Conexão Eletrônica*, *13(1)*, p. 1 – 12.

Tessman, N.S. et al. (2021). Equoterapia como ferramenta para o tratamento de transtorno do espectro autista. *Brazilian Journal of Development*, *4(5)*, p.20516 – 20527.

Trzmiel, T. et al. (2019). Equine assisted activities and therapies in children wit autism spectrum disorder. A systematic review and a meta-analysis. *Complementary therapies in medicine*, *41*, p. 104 – 113.

Withman, T. (2015). *O desenvolvimento do autismo*. São Paulo: [s.n.].

Valle, M. R. L., Nascimento, D., & da Silva, S. R. O. (2020). Avaliação participativa nos espaços pedagógicos: análise de uma instituição escolar do Norte do Brasil. *Regae-Revista de Gestão e Avaliação Educacional*, *9(18)*, 1-17.

10.48209/978-65-89949-95-0

CAPÍTULO 4

O USO DO POWERPOINT COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE JOGOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ESTUDANTES SURDOS NO 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Erliandro Felix Silva; Antônio José Araújo Lima;
William Velozo Francioni

Resumo: Este trabalho tem como tema o uso do *PowerPoint (PPT)* como recurso tecnológico a ser utilizado pelo professor para a construção de games para a diversificação das aulas de Língua Portuguesa como L2, no ensino bilíngue (Libras-língua portuguesa), ofertado a alunos surdos no país (Brasil, 2015; Brasil, 2021). Nossa proposta se enquadra em um momento marcado pela escassez de materiais e políticas que orientam a educação de surdos. Muitas vezes, incluídos em turmas mistas (com surdos e ouvintes), esses estudantes recebem conteúdos descontextualizados e que não exploram sua potencialidade de aprendizado, por meio do canal viso espacial (Silva et al., 2018; Rodrigues, 2018). Com base em uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizamos uma revisão bibliográfica que integra conhecimentos sobre a educação de surdos e o uso da gamificação como recurso educativo buscando questionar: *qual o potencial dos jogos para o ensino de língua portuguesa para estudantes surdos matriculados no Ensino Fundamental I? É possível desenvolver, com recursos limitados, um material pautado nas especificidades educacionais desses estudantes?* Buscando responder a essas questões Desenvolvemos e apresentamos um *Quis*, desenvolvido com base no *software PowerPoint*. Para exemplificar a montagem e funcionamento do jogo, tematizamos em nosso material o ensino das expressões faciais, importante parâmetro para a formação de sinais em Libras. Concluímos ressaltando a importância da construção de materiais e oferecimento de formação adequada aos professores, voltada para estratégias desse tipo, tendo em vista a importância do aperfeiçoamento no uso do *PowerPoint* como ferramenta simples e versátil para a construção de jogos recurso educacional, diversificando as aulas e proporcionando aos alunos a utilização de instrumentos tecnológicos.

Palavras-chave: Libras; PowerPoint; Bilinguismo; Ensino de Libras como L1; Formação de professores.

Abstract: This work has as its theme the use of PowerPoint (PPT) as a technological resource to be used by the teacher to build games for the diversification of Portuguese Language classes as L2, in bilingual education (Libras-Portuguese language), offered to deaf students in the country (Brasil, 2015; Brasil, 2021). Our proposal is part of a time marked by the scarcity of materials and policies that guide the education of the deaf. Often included in mixed classes (with deaf and hearing people), these students receive decontextualized content that does not explore their learning potential through the visuospatial channel (Silva et al., 2018; Rodrigues, 2018). Based on a qualitative research, we carried out a bibliographic review that integrates knowledge about the education of

the deaf and the use of gamification as an educational resource, seeking to question: what is the potential of games for teaching Portuguese for deaf students enrolled in Elementary School I? Is it possible to develop, with limited resources, material based on the educational specificities of these students? Seeking to answer these questions We developed and presented a Quis, developed based on the PowerPoint software. To exemplify the assembly and operation of the game, we thematized in our material the teaching of facial expressions, an important parameter for the formation of signs in Libras. We conclude by emphasizing the importance of building materials and offering adequate training to teachers, focused on strategies of this type, in view of the importance of improving the use of PowerPoint as a simple and versatile tool for the construction of educational resource games, diversifying classes and providing students with the use of technological tools.

Keywords: Libras; PowerPoint; Bilingualism; Teaching Libras as L1; Teacher training.

Resumen: Este trabajo tiene como tema el uso de PowerPoint (PPT) como recurso tecnológico a ser utilizado por el profesor para construir juegos para la diversificación de las clases de Lengua Portuguesa como L2, en la educación bilingüe (Lengua Libras-Portugués), ofrecida a los estudiantes sordos en el país (Brasil, 2015; Brasil, 2021). Nuestra propuesta se enmarca en una época marcada por la escasez de materiales y políticas que orienten la educación de los sordos. A menudo incluidos en clases mixtas (con personas sordas y oyentes), estos estudiantes reciben contenidos descontextualizados que no exploran su potencial de aprendizaje a través del canal visuoespacial (Silva et al., 2018; Rodrigues, 2018). Con base en una investigación cualitativa, llevamos a cabo una revisión bibliográfica que integra conocimientos sobre la educación de sordos y el uso de la gamificación como recurso educativo, buscando cuestionar: ¿Cuál es el potencial de los juegos para la enseñanza del portugués para estudiantes sordos matriculados en la escuela primaria? Escuela I? ¿Es posible desarrollar, con recursos limitados, un material basado en las especificidades educativas de estos estudiantes? Buscando responder a estas preguntas, desarrollamos y presentamos un Quis, desarrollado con base en el software PowerPoint. Para ejemplificar el montaje y funcionamiento del juego, tematizamos en nuestro material la enseñanza de las expresiones faciales, parámetro importante para la formación de signos en Libras. Concluimos enfatizando la importancia de construir materiales y ofrecer una adecuada formación a los docentes, enfocada en estrategias de este tipo, ante la importancia de mejorar el uso de PowerPoint como una herramienta sencilla y versátil para la construcción de juegos de recursos educativos, diversificando las clases. y dotar a los estudiantes del uso de instrumentos tecnológicos.

Palabras clave: Libras; PowerPoint; Bilingüismo; Enseñanza de Libras como L1; Formación de profesores.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como tema o uso do *PowerPoint* – da Microsoft Corporation - como recurso tecnológico a ser utilizado pelo professor para a construção de games para a diversificação das aulas de Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2) no ensino bilíngue (Brasil, 2015; 2021) ofertado a alunos surdos. Enfocamos, prioritariamente as ferramentas educativas baseadas em jogos, aplicadas com alunos surdos matriculados entre o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. Como objetivo geral, propomos *abordar o software como uma ferramenta pedagógica para o docente na criação de quiz educacionais e gamificação, como instrumento didático-pedagógico auxiliar da prática do ensino de Portuguesa como L2 para surdos em processo de aquisição da língua*. Como objetivos específicos definimos: i) descrever as ferramentas e as funcionalidades presentes no *PowerPoint*, refletindo sobre como elas podem ser usadas para elaboração de jogos; e ii) mostrar a importância do uso da gamificação como prática pedagógica docente, com a proposta do "Jogo das Expressões", para o ensino de língua portuguesa como L2 para estudantes surdos.

De acordo com Tavares e Gottschalck (2019), *gamificação* é um termo cunhado por um programador britânico chamado Nick Pelling em 2002 e tem por objetivo utilizar uma linguagem à qual os alunos já estão adaptados. De acordo com as autoras:

> A Gamificação na educação é uma estratégia que tem sido amplamente utilizada como metodologias ativas dentro da sala de aula para tentar engajar e motivar os alunos na educação brasileira. Ou seja, deixar as aulas mais atraentes e prender a atenção dos alunos nascidos em meio às tecnologias, tornando o processo de ensino-aprendizagem uma maneira mais eficaz (Tavares & Gottschalck, 2019, p. 7).

Com base nesse entendimento, nossa motivação para este trabalho decorre da necessidade de criar recursos tecnológicos educacionais para professores, que buscam diversificar as aulas de ensino de Língua Portuguesa para

surdos e como estratégia para promover e propiciar um aprendizado mais leve e mais atrativo a esses estudantes. Conforme aponta Bissolotti, Nogueira e Pereira (2014), os últimos anos têm sido marcados por maior inclusão de diferentes recursos para a educação, o que inclui o uso de ferramentas lúdicas, com o objetivo de “motivar e engajar os alunos”. Conforme apontam Bernardino e Santos (2018), a criação de materiais para o ensino de língua portuguesa para surdos é fundamental, principalmente no contexto de desenvolvimento da educação bilíngue em nosso país.

A educação de surdos tem se desenvolvido ao longo do tempo, desde a oficialização da Libras como língua de expressão e comunicação da comunidade surda (Brasil, 2002), resultando na inclusão da Educação Bilíngue na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 2021). Contudo, autores como Quadros e Karnopp (2004), Fernandes (2017) e Bernardino e Santos (2018), por exemplo, ressaltam ainda a carência de estratégias mais focadas na forma como a educação bilíngue será desenvolvida, salientando a carência de materiais para o oferecimento de suporte adequado aos professores. Assim, a Libras deve ser reconhecida no contexto escolar, para que, a partir dela, outras línguas, como o português, sejam ensinadas. “Como outras línguas de sinais, a Libras é linguisticamente equivalente a línguas faladas e obedece a regras linguísticas ao nível da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica” (Silva, 2015, p. 277).

É comum, de acordo com Guimarães *et al.* (2018, p. 2-3) que os surdos sejam excluídos de diferentes espaços sociais porque não fazem uso da língua portuguesa, predominante em nossa sociedade. Ao mesmo tempo, o desconhecimento da Libras pelos não-surdos corrobora para que ela persista como uma língua minoritária e marginal:

> Os Surdos, em sua maioria, têm dificuldades de se comunicar em Português, o que acarreta graves barreiras e exclusões (por exemplo, os Surdos têm dificuldades de acesso a serviços públicos tais como hospitais, escolas, repartições públicas, entre outras, devido ao desconhecimento

> da Libras pelos não-Surdos. Esta exclusão é detrimental para o pleno exercício da cidadania pelo Surdo. Cidadania pode ser entendida como o acesso a direitos sociais, econômicos e Políticos. Ainda que o ensino da Libras esteja ocorrendo em passos lentos e em locais dispersos, não se deve mais esperar que a inclusão do Surdo se faça somente por meio da língua oral majoritária, que lhe é inacessível - um chamado claro para metodologias de ensino e aprendizagem da Libras pelos não-Surdos (Skliar, 1999), para que sejam criados espaços de interlocução em Libras.

Pensando nestas evidências propomos a criação de um jogo, por meio da utilização do uso do *PowerPoint,* apresentamos a forma como este artigo é composto: a próxima seção aborda algumas considerações sobre a educação de surdos e sua inclusão e acessibilidade em Libras. Posteriormente, apresentamos nossa metodologia para a construção deste jogo, em seguida demonstramos uma revisão de estudos pautados na gamificação, articulando o uso dos games à educação de surdos na atualidade. Essa revisão se pautou na busca por estudos que articulam a educação e o Ensino Fundamental I nas plataformas CAPES e SciELO. Após, passamos a apresentar a construção das telas do jogo e, finalmente, debatemos os resultados alcançados nas considerações finais.-

SURDEZ E EDUCAÇÃO DE SURDOS: INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

A luta das pessoas surdas por reconhecimento e valorização é envolta por diferentes nuances. De acordo com Strobel (2009), algumas passagens devem ser ressaltadas. Em meados do século XVI, os surdos eram vistos como pessoas inúteis à sociedade, enfrentando preconceitos e sendo considerados como pessoas loucas. Foi Pedro Ponce de Leon (1510-1584), quem primeiro indicou que a surdez não impedia a educação, passando a buscar recursos educativos para ensinar filhos surdos da nobreza. O ensino, apesar de mais integrativo, ainda era voltado para a oralização e normalização do surdo à maioria ouvinte.

No século XVIII o abade francês Charles Michel de L'Epée (1712-1789), considerado hoje como o *pai dos surdos,* passou a desenvolver um sistema de

comunicação que daria origem às línguas de sinais. L'Epée também fundou a primeira escola para a educação de surdos, entendendo as línguas de sinais naturais para esses estudantes e passando a desenvolver técnicas de ensino pautadas no uso de sinais. Entre 06 a 11 de setembro de 1880 ocorre o Congresso de Milão e as línguas de sinais são proibidas nos contextos educacionais. De acordo com Strobel (2009), esse congresso representou um impacto na forma como os surdos estavam sendo ensinados em diversas partes do mundo. Assim, a surdez volta a ser considerada como uma deficiência e as línguas orais voltaram a pautar a educação de surdos.

É importante ressaltar que em nosso país, em 1857 foi fundado o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), derivado de uma parceria entre Dom Pedro II e o surdo francês Ernest Huet. Esse contato foi muito importante porque a nossa língua brasileira de sinais passou a ser desenvolvida com a fundação desse instituto, que funciona até os dias atuais. Passando a abordar um contexto mais contemporâneo, ressaltamos como conquistas a Lei 10. 436 de 24 de abril de 2002, que passa a reconhecer a Libras como língua de expressão e comunicação da comunidade surda (Brasil, 2002; 2005), a regulamentação da profissão de tradutor e intérprete de Libras pela Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010 (Brasil, 2010), a instituição da Educação Bilíngue para surdos pela Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015 (Brasil, 2015) e, mais tarde, a inclusão dessa prerrogativa também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) pelo Projeto de Lei nº 4909 de 27 de maio de 2021 (Brasil, 2021).

A Educação Bilíngue, é definida pelo artigo 60 A da LDB:

> Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências

> associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (Brasil, 1996, Art. 60A).

Conforme expressa o entendimento legislativo, a educação bilíngue se estabelece por meio do entendimento da Libras como primeira língua e a língua portuguesa escrita, no caso do Brasil, como segunda língua ofertada aos estudantes surdos. O ensino na modalidade bilíngue deve compreender desde os primeiros meses de vida, na Educação Infantil, se estendendo ao longo da vida (Brasil, 1996). Além disso, a Lei preconiza ainda que devem ser oferecidos "[...] materiais didáticos e professores bilíngues com formação e especialização adequadas, em nível superior" (Brasil, 1996, Art. 60 B). As entidades representativas da Comunidade Surda como o INES e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), por exemplo, são essenciais para os debates acerca da forma como esse ensino será conduzido.

É neste debate que nosso trabalho se insere, uma vez que cabe aos professores e também ao poder público, oportunizar a produção de materiais voltados para as especificidades dos estudantes surdos que aprendem pelo canal viso espacial, diferentemente dos estudantes ouvintes que utilizam o canal oral auditivo. Contudo, é preciso abordarmos também as dificuldades para que a Educação Bilíngue seja uma realidade, já que a maioria dos surdos nascem em famílias de pais ouvintes. De acordo com Witkoski, 2017, cerca de 90% a 95% destes são socializados desde o nascimento à língua oral, com base nas experiências das famílias que desconhecem a Libras. Estes são, muitas vezes, tratados por meio da visão clínico terapêutica, que ainda entende o surdo como um deficiente a ser corrigido e equiparado à maioria ouvinte.

Como salienta Witkoski (2017, p. 883), é da família a decisão sobre a forma como a criança surda será educada, o que gera conflitos linguístico-culturais que devem ser tematizados pelas instâncias governamentais:

> Importante ressaltar, no entanto, que a decisão sobre a criança ter acesso ao direito de receber uma educação bilíngue, assim como que escola frequentar, se regular ou de surdos, por exemplo, é delegada aos pais. O que é um direito legítimo, se considerarmos que 90a 95% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes, que em sua maioria, desconhecem as implicações sociais, linguísticas, educacionais e emocionais do ser surdo, leva a pensar que tal atribuição deveria, no mínimo, ser problematizada.

Ao contrário do preconceito ou da desinformação sobre a Educação Bilíngue, a socialização em Libras como primeira língua em nada impede que os surdos adquiram a língua portuguesa. Na verdade, essa é a melhor forma de propiciar à Comunidade Surda o acesso à sociedade oral, uma vez que, com uma base sólida constituída em uma língua de sinais, a pessoa surda aprenderia uma língua escrita com maior facilidade, a partir de sua L1. Conforme salienta Quadros (1997), para que esse objetivo seja realidade, é preciso que haja investimentos e produção de estratégias pedagógicas e materiais que permitam uma integração harmoniosa entre ambas as línguas.

Reconhecemos a presença de dispositivos e estudos, como os citados nesta seção, que abordam a importância da Educação Bilíngue como uma forma de acesso do surdo, não apenas à educação, mas à diferentes práticas sociais. Indicamos que já existem muitos dispositivos legislativos que reforçam essa busca por melhores políticas de educação e avaliação na educação de surdos. Contudo, os estudos que enfocam como se dá a educação na prática, demonstram que, principalmente quando há a composição de turmas mistas (surdos e ouvintes), a exclusão dos alunos surdos tende a nortear as experiências documentadas. Como aponta Rodrigues (2018), em turmas mistas, os surdos tendem a ter seu contato restrito ao tradutor e intérprete de Libras que, em muitos casos, assume também funções de ensino, quando os conteúdos não são suficientemente compreendidos pelos estudantes.

Abordando, mais especificamente o ensino de L2 para estudantes surdos, salientamos as contribuições do trabalho de Silva (2021), que explica que uma das principais dificuldades que envolve o ensino de língua portuguesa para estudantes surdos é a diferença entre as modalidades das línguas: viso espacial, no caso da Libras como L1 e oral auditiva, em relação ao português como L2. Assim, a autora explica que as práticas pedagógicas devem levar em consideração essa diferença. Ainda de acordo com a autora, é imprescindível que mais estudos sobre a temática sejam desenvolvidos em nosso país, tendo em vista a escassez de produções que tematizem o ensino de L2 para surdos (Silva, 2021).

É com a consciência da mudança deste quadro que passamos na próxima seção à nossa metodologia de pesquisa, que mostra os subsídios principais para a composição de nosso estudo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa busca uma articulação entre os conhecimentos a serem trabalhados, principalmente em relação aos alunos surdos, no processo de aquisição da língua portuguesa como L2 e a forma como esses conteúdos são trabalhados. Pesquisadores como Alves et al. (2014), Bissolotti et al. (2014), Figueiredo e Junqueira (2015), dentre outros, demonstram a importância do trabalho com os jogos, tendo em vista que a ludicidade é fundamental para a construção do conhecimento, uma vez que possibilitam que se aprenda e se divirta, ao mesmo tempo (Bissolotti et al., 2014). Por essa razão, nossa proposta buscou demonstrar a criação de um jogo com um recurso muito utilizado por professores na elaboração de suas aulas, o *PowerPoint*.

Esta pesquisa se caracteriza por ser de cunho qualitativo, por se estabelecer por meio de investigação pautada nos aspectos linguísticos-semióticos, com análise de frases, imagens e demais recursos que auxiliam qualitativamente

na construção de uma educação plural, direcionada a estudantes surdos (Tójar, 2006). Essa abordagem leva em consideração a revisão bibliográfica, tendo em vista as contribuições de estudos sobre o ensino de língua portuguesa para estudantes surdos, bem como a inclusão de games como oportunidades educacionais. utilizamo-nos dos conhecimentos já adquiridos no uso da ferramenta, bem como, gravamos e disponibilizamos todo o material que está presente no jogo, uma vez que o autor deste trabalho também aparece nas imagens apresentadas no “Jogo das Expressões”.

Esse artigo utilizou como metodologia a revisão bibliográfica, considerando, na visão de Conforto et al. (2011), “a revisão bibliográfica sistemática é um método científico para busca e análise de uma determinada área da ciência. Esse método de pesquisa é muito utilizado na área de educação, medicina, psicologia, ciências sociais entre outros.

Citando Gomes (2005 et all), que buscam analisar o contexto, o método de interpretação, as razões e a lógica dos discursos e das ações. Pretende abordar os conteúdos de forma ampla, em um movimento de síntese, objetivando criar novos significados.

Buscamos no Portal CAPES de divulgação científica, trabalhos que enfoquem experiências com o uso da gamificação no Ensino Fundamental I, principalmente em oportunidades de ensino para estudantes surdos. Utilizamos como descritores os termos: “gamificação e Ensino Fundamental I”, “games e Ensino Fundamental I”, “jogos e Ensino Fundamental I” e “jogos e educação de surdos” e “games e educação de surdos”. Restringimos a busca aos trabalhos publicados nos últimos cinco anos, tendo em vista a atualidade dessa bibliográfica. Foram encontrados oito trabalhos que se adequaram ao critério estabelecido.

Uma síntese das pesquisas encontradas é apresentada no Quadro 1:

Quadro 1. Sistematização dos estudos que enfocam gamificação e educação de surdos.

Título	Autoria/ano	Periódico
Integrando educomunicação e gamificação como estratégia para ensinar sustentabilidade e alimentação saudável no 5º ano do Ensino Fundamental	Kaminski, Silva e Boscarioli (2018)	Revista Prática Docente
Jogos matemáticos como ferramenta de aprendizagem no 5º ano do Ensino Fundamental	Dos Santos e Rodrigues (2018)	Revista Thema
Revisão exploratória de literatura em jogos digitais voltados para estimulação do controle inibitório em crianças do Ensino Fundamental	Cerqueira, Barbosa e Mossmann (2018)	Revista Conhecimento Online
O jogo San San como recurso didático de apoio nas discussões sobre nutrientes reguladores no ensino fundamental	Antonia, Fujiwara e Marques (2017)	Temas em Educação e Saúde
Jogos de linguagem na Educação Matemática Inclusiva: um olhar a partir das linguagens dos surdos	Barroso Moreira e Lima da Costa (2019)	Revista de Matemática, Ensino e Cultura
Q-LIBRAS: um jogo educacional para estimular alunos surdos à aprendizagem de Química	Rocha *et al.* (2019)	Revista Educação Especial

Desenvolvimento de um jogo educativo para contribuir no aprendizado da língua portuguesa para alunos surdos	Rizzo e Pereira (2017)	EaD & Tecnologias Digitais na Educação
MatLibras: um jogo para crianças surdas exercitarem as quatro operações básicas da matemática	Oliveira e Padilha (2019)	EaD & Tecnologias Digitais na Educação

Fonte: Autores.

Além da revisão bibliográfica citada acima, também consideramos no momento da composição do jogo, as experiências do pesquisador, como surdo, durante o aprendizado de língua portuguesa como L2, uma vez que, em geral, os professores não estão suficientemente preparados para proporcionarem oportunidades de aprendizado realmente satisfatórias (Quadros & Karnopp, 2004; Fernandes, 2017; Bernardino & Santos, 2018). Além disso, buscamos nos embasar também nas leis que buscam a proteção dos direitos da Comunidade Surda no Brasil, valorizando a Libras e determinando a educação bilíngue como um direito, reconhecido, inclusive na LDB. A pesquisa documental, expressa nas leis publicadas (Brasil, 1996; 2001; 2002; 2005; 2015; 2021), é um importante instrumento, uma vez que nos proporciona um debate político acerca do lugar ocupado pela língua portuguesa na educação de surdos. A seguir, abordamos a adoção de recursos tecnológicos na educação de surdos.

GAMIFICAÇÃO E RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Nesta seção, discutimos algumas considerações de estudos pautados no entendimento do uso da gamificação, ou seja, uso de jogos, na educação. Para tanto, buscamos, por meio de uma revisão bibliográfica, compreender quais as

principais evidências de estudos pautados na temática, com enfoque específico no Ensino Fundamental I e educação de surdos, objetivo principal de nosso trabalho. Inicialmente, passamos a conceituar o uso da gamificação para a melhoria do ensino, principalmente enfocando o ensino fundamental, com conteúdos aplicados aos estudantes surdos. Em seguida, tratamos, mais especificamente, dos estudos que compuseram nossa revisão bibliográfica, exposta no Quadro 1.

Conforme Sant'Anna (2004) *apud* Costa (2012, p. 07), esses "recursos não são instrumentos de diversão ou dispersão. Ao contrário, favorece[m] a atenção, concentração, reflexão, disciplina, cooperação e educação de maneira espontânea e consciente". Assim, é importante observar que oportunidades de aprendizagem podem ser criadas para que esses recursos sejam suficientemente utilizados durante os processos de ensino-aprendizagem. Ainda de acordo com o autor:

> Para se utilizar de recursos em sala de aula, o educador deve saber escolher aquele que melhor se adequa a sua prática pedagógica e a realidade estudantil de cada aluno, pois não basta só utilizá-lo, sem uma fundamentação do objetivo que se deve alcançar, pois os recursos além de constituir formas instrucionais para a aprendizagem são também instrumentos estimuladores e reforçadores do conhecimento (Sant'Anna, 2004 *apud* Costa, 2012, p. 7).

O fragmento acima destaca a importância de uma escolha cuidadosa e fundamentada, ao se optar pela utilização de games durante atividades formativas. Não basta que recursos tecnológicos, como jogos sejam incluídos nas atividades, é necessário que haja uma fundamentação clara, com planejamento, principalmente em relação aos ganhos e agregações que tais práticas podem gerar. Além disso, conforme apontam Sant'anna (2004) *apud* Costa (2012), os objetivos na utilização de games no processo educativo devem estar claros aos estudantes, tendo em vista a construção de recursos que reforcem os conteúdos trabalhados. Neste momento, a mediação do professor é fundamental para a complementação entre o material oferecido e as expectativas geradas para a avaliação.

Por isso, conforme diz o autor, a escolha de recursos e ferramentas deve ser acessível e de acordo com a realidade social educacional do espaço a ser utilizado, considerando também os conhecimentos trazidos pelos alunos para a escola, bem como, suas trajetórias de vida, com vistas à construção de conhecimentos que, de fato, provoquem sua inserção social. De acordo com o que aponta a pesquisa de Bissolotti et al. (2014, p. 7), o termo *gamificação* é recente, surgido em 2010, conforme pode ser visto no fragmento abaixo:

> O termo gamificação (do inglês, gamification), vem sendo usado pelo marketing desde 2010, quando surge como mecanismo para solucionar problemas e alavancar grandes projetos empresariais. Segundo Zichermann (2011, p.16), gamificação é o "processo de utilizar o pensamento e as mecânicas dos games para envolver usuários e resolver problemas". Para aplicações web, nas quais o marketing vem usando a gamificação, tal definição talvez seja aplicável.

Em adição, Figueiredo et al. (2015), com o objetivo de realizar um estado da arte sobre as pesquisas produzidas e que tiveram como objetivo articular *gamificação* e *educação*, constataram que, em geral, os professores é quem decidem acerca do uso ou não da gamificação em suas aulas, sendo autores dos materiais por eles produzidos. Apesar disso e de acordo com esses autores, os games ainda não têm seu potencial pedagógico reconhecido, sendo utilizados, em geral, para entretenimento, quando adentram nos espaços escolares.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2001, p. 56), o jogo é uma ferramenta que oferece o estímulo e, desenvolver atividades que levem em consideração jogos pedagógicos em ambientes propícios ao desenvolvimento, favorece a espontaneidade e a criatividade nos alunos, além de permitir ao professor a ampliação de seu conhecimento acerca de técnicas ativas de ensino, pautadas no desenvolvimento das capacidades pessoais e profissionais favorecendo em seus alunos habilidades comunicativas. Apesar disso, o trabalho de Alves et al. (2014) questionam sobre as capacidades das escolas, na instru-

mentalização suficiente ao professor, para que o ensino com games seja favorecido.

O trabalho de Kaminski et al. (2018) propõe um jogo para o ensino de conteúdos relacionados ao ensino de ciências a estudantes do 5º ano. O jogo contempla conhecimentos relativos à sustentabilidade e alimentação saudável. O texto reconhece a importância desses conteúdos, mas ressalta que é preciso que a escola articule os conhecimentos oferecidos à uma criação de significados eficiente pelos estudantes. Assim, há o reconhecimento de que o jogo permite a maior assimilação dos conteúdos. Foi proposto um 'caça QR Code' que articula reportagens televisivas e a gamificação, estimulando o protagonismo dos estudantes.

Formatado para esse mesmo nível de ensino, o texto de Dos Santos e Rodrigues (2018) enfoca conteúdos matemáticos, tendo em vista uma comum dificuldade dos estudantes na compreensão sobre as operações matemáticas. Assim, foi proposta uma ferramenta facilitadora em formato de jogo, que proporcionou uma melhora do desempenho desses estudantes, demonstrando uma importante função do jogo nas atividades escolares. Além disso, o texto também ressalta o valor da exploração da ludicidade nos processos formativos, nem sempre explorados nos ambientes educativos.

Ao realizarem uma revisão bibliográfica sobre o impacto dos jogos e atividades lúdicas para estudantes no ensino fundamental, Cerqueira et al. (2018) explicam a utilização de ferramentas da gamificação para o ensino de conhecimentos relativos à área de neuropsicologia, com enfoque nas funções executivas. O trabalho indica que as ações que levam em consideração os jogos na educação ainda são incipientes e muito dependentes da atuação dos professores, sem a presença de ações articuladas com a escola, ou com as políticas nacionais para a educação. Outra evidência é a de que os estudos que contemplam os objetivos

do estudo de Cerqueira et al. (2018) não abordam um acompanhamento em longo prazo que evidencie em uma escala maior a aplicação desses conteudos.

Por sua vez, Antonia et al. (2017) ressaltam a importância das atividades lúdicas nos processos educativos em diferentes áreas do conhecimento, uma vez que elas proporcionam uma educação progressiva, espontânea e divertida. O texto ressalta a necessidade da criação de recursos pedagógicos baseados em jogos educativos que contemplem conteúdos relativos às ciências agrárias, que é uma área disciplinar e pode ser abordada em qualquer nível de ensino. Foi proposto o jogo SAN SAN para estudantes do ensino fundamental, tendo em vista o apoio para a compreensão de conteúdos em química. Assim como os outros estudos demonstrados acima, a atividade de Antonia et al. (2017) demonstrou potencial na melhora da assimilação dos conhecimentos abordados, aumentando a motivação e envolvimento dos estudantes.

Em adição, Barroso Moreira e Lima da Costa (2019) articulam as linguagens ao ensino de matemática, enfocando os resultados progressivos de estudantes surdos em uma sala de aula inclusiva. O texto ressalta a importância dos intérpretes de Libras no processo de aplicação do jogo para o ensino da Comunidade Surda. O trabalho ressalta que o ensino de matemática envolve o uso de diferentes linguagens, integrando, para os estudantes surdos, o ensino de conteúdos matemáticos, a abordagem da língua portuguesa e da Libras. Assim, um mesmo conteúdo pode explorar diferentes competências.

Ainda demonstrando o potencial dos jogos para os estudantes surdos, Rocha *et al.* (2019) relatam a aplicação do jogo “Q-Libras” para o ensino de química a estudantes surdos. Assim como na pesquisa de Barroso Moreira e Lima da Costa (2019), Rocha *et al.* (2019) demonstram que a criação de recursos didáticos para o ensino de surdos contempla diferentes linguagens que envolvem a Libras, a língua portuguesa e a área que se deseja ensinar, no caso deste traba-

lho, a química. Contudo, os autores ressaltam a inexistência de recursos pedagógicos voltados para o ensino de química a estudantes surdos. O jogo em questão traz 60 questões e está articulado com o VLibras, que proporciona a tradução das questões para essa língua. Este, o VLibras, é considerado um recurso com potencial para fundamentar diferentes abordagens educativas.

Rizzo e Pereira (2017) também contribuíram para a criação de materiais e ferramentas que auxiliam a melhorar a educação de surdos, com base em um jogo com conteúdos de ensino da língua portuguesa como L2, com a contribuição de diferentes mídias. De acordo com as autoras, é preciso considerar, na busca por estratégias educativas para surdos, o aspecto da visualidade, com a presença de diferentes mídias e meios que permitam a criação de significados, com a exploração dos conteúdos prévios trazidos pelos estudantes. A aplicação do jogo, de acordo com o texto, auxiliou na melhora do desempenho dos estudantes surdos, quanto à aprendizagem da língua portuguesa.

Em adição, Oliveira e Padilha (2019) relatam a criação de recursos pedagógicos para o ensino de matemática para estudantes surdos, com a criação do “MatLibras”. Esse jogo permite que as crianças surdas executem as quatro operações matemáticas, como uma forma de incluir essas crianças nas escolas regulares, visto que a maioria delas não estão nesta modalidade de ensino. Assim, com base em ferramentas que ressaltam o poder da expressão e protagonismo, são propostas atividades interativas e divertidas. Os autores ainda ressaltam que novas contribuições podem auxiliar na criação de estratégias para auxiliar na avaliação, com a utilização dos jogos nos processos formativos.

Diante dos estudos discutidos nesta seção, que trataram de estratégias pedagógicas baseadas em jogos, utilizadas com alunos ouvintes e surdos, entende-se que a interação é um fator fundamental para o ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos. A proposta de educação bilíngue, em âmbito nacional,

considera que a educação de surdos deve ser oferecida, inicialmente, em sua L1 (Libras) e, a partir da Libras, o ensino da língua portuguesa, como segunda língua deve ser oferecida. Conforme o fragmento abaixo, é preciso que haja alternativas para que a mediação entre ambas as línguas ocorra de forma mais sistematizada e menos impositiva, uma vez que:

> Aprender a LER A LÍNGUA demanda um processo metodológico para estudantes surdos que difere dos encaminhamentos adotados no ensino de Português como língua materna, o chamado processo de alfabetização. Para inúmeros pesquisadores, a questão é simples: desconsiderar o domínio das relações letra-som como pressuposto para o acesso à escrita e admitir a Língua de Sinais como simbolismo mediador nesse processo, adotando encaminhamentos metodológicos semelhantes aos utilizados no ensino de segundas línguas para estrangeiros, possibilitando a inserção dos surdos em práticas de letramento, nos mesmos moldes dos demais estudantes (Fernandes, 2017, p. 42).

A educação bilíngue para surdos é regulamentada pela Lei nº 13.146/2015, que estabelece em seu artigo 27: “oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” (Brasil, 2015). Nesse sentido, para se ter uma sala de aula mais interativa para os aprendizes e proporcionar conhecimentos acerca de ferramentas, além de favorecer para que o professor tenha autonomia para elaborar, diversificar e proporcionar aulas mais visuais e atraentes, é proposto o uso deste software, tendo em vista uma articulação entre o ensino da segunda língua, a partir da primeira língua dos surdos: Libras. Passamos na seção seguinte a abordar a forma como construímos o “Jogo das Expressões”.

POWERPOINT E A CONSTRUÇÃO DO JOGO DAS EXPRESSÕES

Debatemos nesta seção a forma como construímos nosso jogo, que auxilia na busca por uma correlação entre o uso da Libras e o aprendizado da língua portuguesa para alunos surdos. Conhecido como um “apresentador” de slides, o

PowerPoint pode representar um recurso muito valioso, permitindo, por exemplo, a criação de jogos. Com base na utilização da versão do ano de 2016, destacamos a inclusão de muitos recursos novos, o que torna a ferramenta mais profissional e com maiores possibilidades criativas.

O potencial pedagógico de uma ferramenta multimídia como o *PowerPoint* é amplo. Tendo em vista a utilização dela para construção de jogos, é necessário criar, antes de tudo, um planejamento, com o objetivo de se estabelecer a forma como se pretende expor o jogo, considerando a apresentação das questões expostas, bem como, proporcionando um visual estético agradável e que atraia possíveis jogadores. É preciso, conforme já apontado acima, que a turma com a qual se vai trabalhar seja pensada previamente, tendo em vista as experiências dos alunos, suas expectativas, faixa etária, contexto sociocultural, dentre outros elementos. Esses aspectos também valem para a composição do conteúdo apresentado, que deve refletir os contextos sociais nos quais se engajam esses estudantes.

Os principais desafios para a construção de um jogo em Libras, dizem respeito à necessidade de criação de uma ferramenta que atenda às especificidades da Língua Portuguesa, como uma língua que se manifesta, considerando os parâmetros na Libras descritos por Quadros e Karnopp (2004; 2007), em especial pela simultaneidade dos parâmetros na formação do sinal, no caso o movimento, tendo em vista que, em um contexto de ensino bilíngue para surdos, a Língua Portuguesa é adquirida a partir da Libras como L1 da comunidade surda. Conforme as autoras, são cinco os parâmetros que envolvem a construção de um sinal em Libras: 1) a configuração de mão; 2) o ponto de articulação; 3) o movimento; 4) a orientação; e 5) a expressão facial ou corporal.

De acordo com Felipe e Monteiro (2007), a configuração de mão envolve a posição na qual os dedos serão moldados, podendo ser feita por apenas uma

das mãos ou ambas. São cerca de 64 diferentes posições de mãos. O ponto de articulação diz respeito ao local no qual o sinal será realizado (cabeça, local neutro, tocando alguma parte do corpo, etc). O movimento diz respeito a como as mãos irão se movimentar durante a execução do sinal. Alguns sinais não possuem movimento. A orientação se refere à direção para a qual a mão será orientada e, finalmente, a expressão facial ou corporal, componentes não manuais, complementam o sinal, indicando sentimentos.

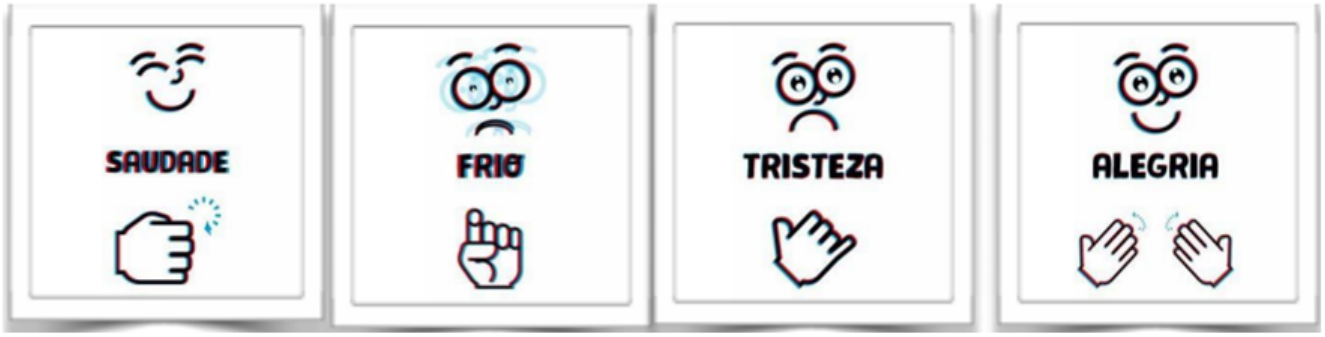
Ainda explorando os cinco parâmetros para a produção de sinais em Libras, esclarecemos que as expressões faciais são apenas um dos elementos que compõem o quinto parâmetro, já que são incluídas também as expressões corporais. De acordo com Guimarães *et al.* (2018) as expressões são parte integrante da Libras, uma vez que elas possibilitam a compreensão de um nível maior ou menor de intensidade daquilo que é comunicado, representando o léxico, a gramática, a sintaxe e a semântica da língua. É importante que as expressões sejam trabalhadas, uma vez que, conforme essa pesquisa evidencia, elas podem coordenar o fluxo da conversa:

> [...] os movimentos da cabeça, as sobrancelhas, o franzir de testa podem indicar uma negação; similarmente, usam-se expressões faciais para grupos de interrogações; o olhar pode representar um sujeito ou objeto, ou estabelecer uma concordância; a expressão facial pode coordenar o fluxo da conversa (Guimarães *et al.,* 2018, p. 5).

Quando há a socialização e ensino de Libras como L1, a pessoa surda compreende esses preceitos com maior naturalidade. Contudo, cabe-nos indagar sobre como seria incluir os conteúdos relativos às expressões faciais, algo supostamente já apresentado previamente a esses estudantes para o ensino dos diferentes significados para as expressões em língua portuguesa como L2? O trabalho de Guimarães *et al.* (2018) nos auxilia a delinear esse entendimento, uma vez que ele se baseia no ensino das expressões faciais, por meio da utili-

zação de um jogo de cartas demonstrando uma correspondência básica entre a expressão, o sinal e o português escrito, no ensino de Libras como L2. A imagem a seguir representa algumas das cartas desenvolvidas nesta pesquisa:

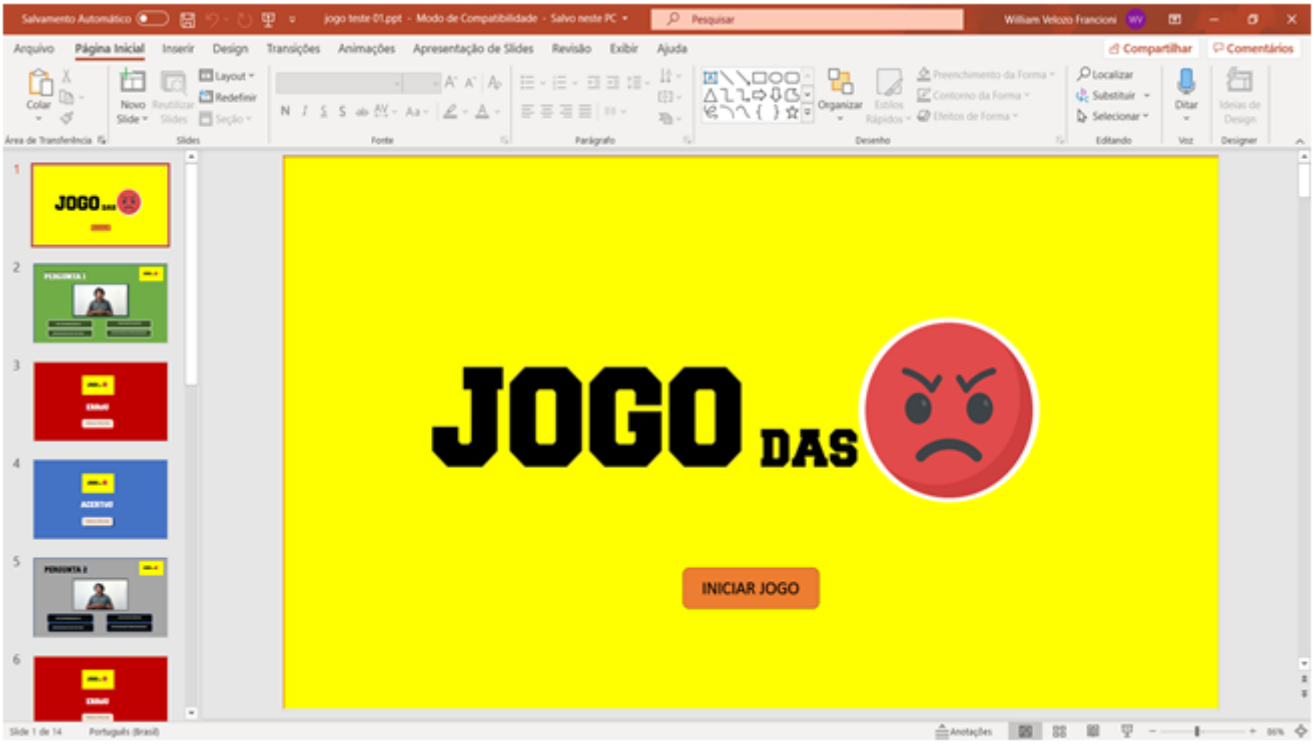
Figura 1. Cartas de jogo sobre expressões faciais com sentimentos e sensações - saudade, frio, tristeza e alegria.



Fonte: Guimarães *et al.* (2018, p. 11).

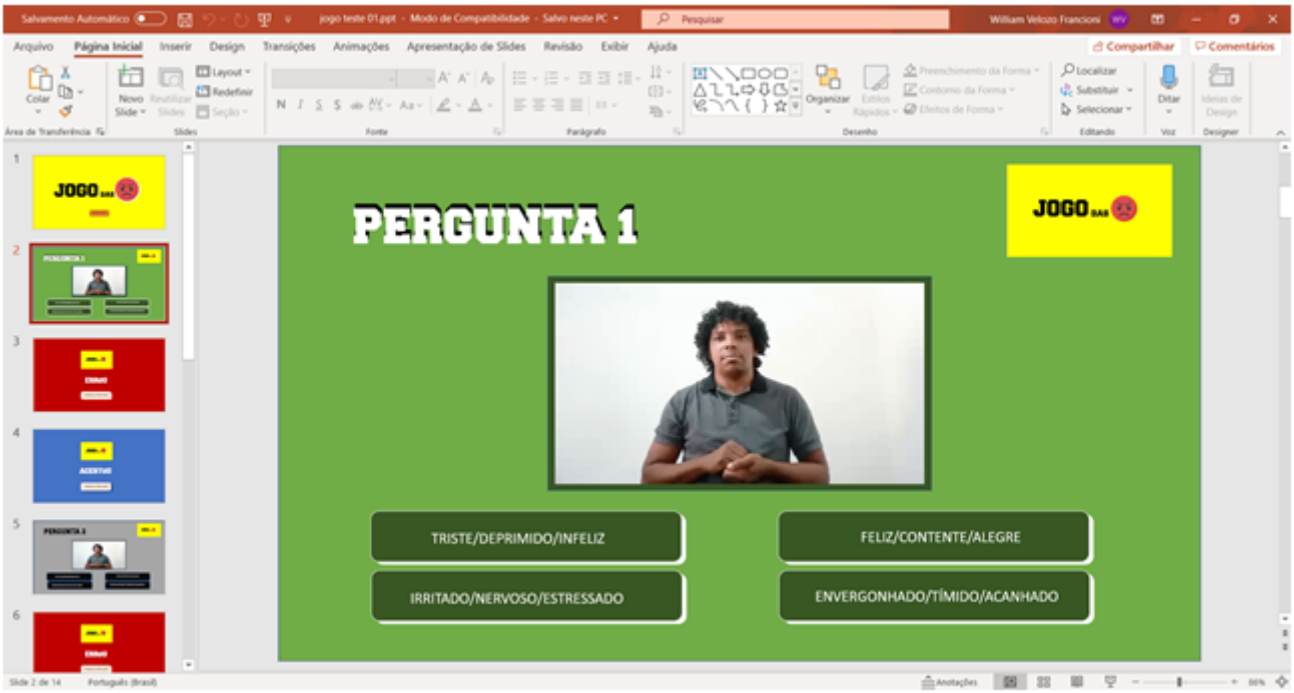
Nossa proposta segue essa mesma lógica. Porém, com o uso do *Power-Point* e com enfoque no ensino de língua portuguesa como L2. Para exemplificar nossa proposta, elaboramos um jogo que trabalha as expressões faciais, um dos parâmetros para a formação de sinais em Libras. Salientamos que essa é apenas uma sugestão. Outros conteúdos podem ser formulados e adaptados neste formato. O *slide* seguinte foi elaborado para representar a página (home) principal, na qual está contida toda a orientação necessária para a execução do jogo, principalmente a exibição do botão “iniciar jogo”. É possível notar, por meio das imagens apresentadas a seguir, a presença de recursos multissemióticos, que podem favorecer um maior aprendizado daqueles que o utilizam, como cores diversas, emoticons e diferentes tipos de letras. A combinação entre a imagem e o vídeo também tornam a ferramenta mais fluida, interativa e interessante.

Figura 2. Jogo das Expressões – Abertura.



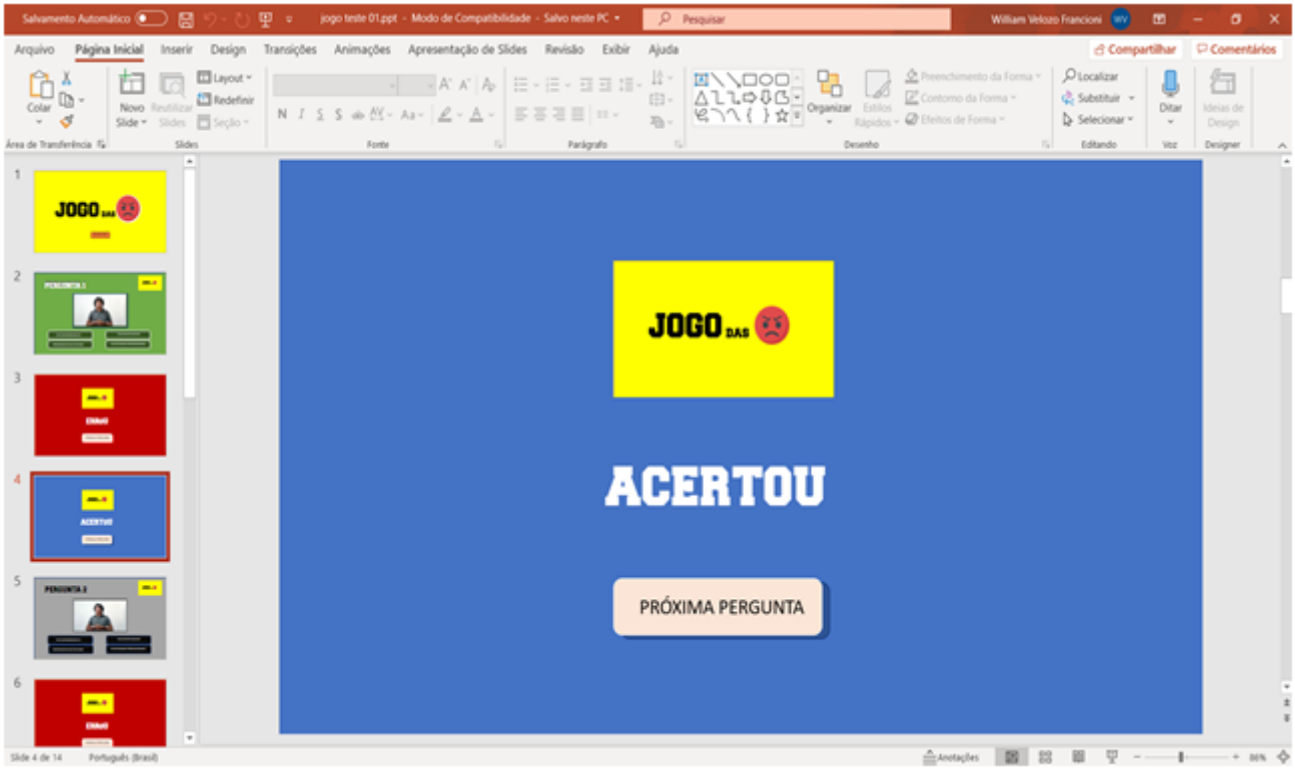
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ItnqFWtDih4, canal youtube

Figura 3. Jogo das Expressões - Pergunta I.



Fonte: Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ItnqFWtDih4, canal youtube

Figura 4. Jogo das Expressões - Tela de acerto.



Fonte: Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ItnqFWtDih4, canal youtube

Passamos a apresentar a forma de funcionamento do jogo, considerando-o como uma ferramenta alternativa para fins educacionais, levando em conta os conhecimentos prévios trazidos pelos estudantes surdos. O Jogo das Expressões apresenta uma abordagem interativa e é organizado por meio de fases ou telas que correspondem a perguntas elaboradas pelo docente e apresentadas em forma de imagem na versão *gif*, que permite o movimento das imagens, uma vez que, para construção das frases em Libras são necessários a ocupação do espaço, movimentos e expressões faciais e corporais. Salientamos que para que a imagem permaneça em movimento, com o indicativo do sinal, é preciso que seja realizada a gravação do vídeo e posterior conversão do vídeo em arquivo em formato *gif*. A tela que representa uma das questões do jogo é apresentada, assim que a opção “iniciar jogo é selecionada”. O usuário deve selecionar a questão que julgar correta e o próprio software mostrará a correção.

As questões apresentam uma correspondência entre um sinal e seu significado em língua portuguesa, com cerca de três possibilidades para as palavras. Em um contexto de ensino bilíngue, acreditamos que esta pode ser uma ferramenta útil para que essa correspondência seja oportunizada de uma forma mais dinâmica e divertida. O jogo das expressões apresenta alternativas de respostas em que apenas uma está correta, o objetivo principal não é levar o estudante a traduzir o sinal apresentado, mas sim, observar se o aluno, ao responder, compreende a expressão e, uma de suas possibilidades em língua portuguesa, desmistificando a ideia que se tem frequentemente, de que um sinal corresponde a uma única palavra em língua portuguesa.

Cabe ressaltar que um mesmo sinal pode apresentar vários significados em ambas as línguas. Contudo, como se trata de um ensino introdutório, buscamos apresentar uma visão mais didática, mas sempre enfatizando que os termos são correspondentes entre as línguas e não equivalentes. Inclusive, com base na mediação do professor, é possível que novas possibilidades de usos de sinais e palavras surjam, com a formação de frases com os termos abordados no jogo, tanto em Libras, quanto em língua portuguesa. As estruturas de ambas as línguas podem ser comparadas, para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. As possibilidades para desdobramentos que podem suscitar dessa atividade são inúmeras.

Ao elaborar as fases do game, levamos em consideração conhecimentos prévios do aluno quanto ao uso da linguagem humana, com o objetivo de o produto educacional trazer ao jogador um contexto complementar ao estudo em aula. Por essa razão, é indicado que esse aluno já tenha constituído uma base na alfabetização em Libras. Indicamos o uso desse jogo para os estudantes que se encontram entre o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, tendo em vista os aspectos preconizados pela BNCC, quanto à busca por processos de alfabetização pautados nas práticas e necessidades sociais dos estudantes (Brasil, 2017).

Abaixo são descritas as fases ou etapas do jogo:

Quadro 2. Fases do jogo.

Fase 1: Tela inicial	Fase 2: Tela de perguntas	Fase 3: Tela de acerto	Fase 4: Tela de erro
Apresentação do nome do jogo “Jogo das Expressões”, em que a palavra “expressão” foi substituída pelo emoji de carinhas, que constitui as expressões humanas em situações de uso da língua e da linguagem.	Nesta fase são apresentadas as questões que vão nortear o jogo, por exemplo, na apresentação da pergunta 1, é exposto um texto em Libras em que é necessária uma leitura das expressões apresentadas para escolha de uma alternativa, com palavras escritas em língua portuguesa que possa representar e ter equivalência em Libras.	Esta tela apenas aparecerá se o aluno acertar a questão.	Tela em que o aluno é direcionado, caso selecione uma alternativa em que a escrita em língua portuguesa não corresponda com o texto sinalizado em Libras. Em caso de erro, uma tela é aberta, demonstrando qual deveria ter sido a questão a ser selecionada, proporcionando assim, o aprendizado acerca dos conteúdos desconhecidos.

Fonte: Autores.

Vale destacar, que antes mesmo de iniciar o jogo, cada fase ou tela possui instruções que direcionam a utilização de suas funcionalidades, como: “clique aqui”, “iniciar jogo”, “próxima questão”, entre outras. A gamificação demonstra, de forma aprofundada, como os sistemas de recompensas funcionam. Inicialmente, as recompensas podem ser utilizadas para estimular os alunos, por exemplo, atribuindo nota aos acertos. A figura abaixo destaca as instruções prévias a serem demonstradas aos jogadores:

Por fim, um jogo com finalidades educacionais precisa apresentar um conteúdo, em nosso caso, o parâmetro de formação de sinais em Libras “expressões faciais”, isto é, uma temática específica, a ser elaborado pelo docente, para possibilitar a aprendizagem dos estudantes e depois proporcionar uma reflexão acerca do que é possível aprender com ele. Em nosso exemplo, trabalhamos o significado das diferentes expressões faciais, elementos importantes para a comunicação em Libras. Contudo, é vasto o repertório por meio do qual os temas podem ser trabalhados em uma ferramenta como essa. Passamos às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações estabelecidas neste trabalho são apenas parciais e partem de um esforço ainda incipiente pela busca por materiais e metodologias que auxiliem na educação bilíngue de estudantes surdos brasileiros. É possível afirmar que o *PowerPoint* pode figurar como uma ferramenta educacional e, como tal, deveria ser mais explorada pelos professores. Consideramos que seu potencial pedagógico não vem sendo utilizado por completo, uma vez que, muitas vezes o *PowerPoint* é aplicado apenas para fins de apresentação em *slides*, mas sem a utilização de recursos mais interativos. A maioria dos professores desconhecem as funcionalidades apresentadas neste trabalho para a diversificação das atividades em suas aulas com o uso desta ferramenta. Nossa própria revisão bibliográfica demonstra que as atividades educativas que levaram em conta o uso de games na educação não foram pautadas neste *software* em sua composição.

O “Jogo das Expressões” não foi ainda testado, para que conclusões mais voltadas na assimilação dos conteúdos fossem desenvolvidas. Ressaltamos que nosso objetivo central foi abordar as possibilidades formativas capazes de serem desenvolvidas, com a utilização de um *software* de uso comum dos professo-

res que possuem acesso a um computador ou notebook com o pacote office do Windows instalado. Em experiências futuras, esperamos aplicar o jogo e relatar as principais considerações, face aos conteúdos ensinados. Ressaltamos novamente que a abordagem do conteúdo expressões, com sua correspondência aos termos utilizados na língua portuguesa é apenas uma sugestão. Esse jogo pode ser configurado com diferentes objetivos educativos, cabendo a necessidade de adequação dos conteúdos abordados ao nível e repertório sócio cultural dos estudantes.

Indicamos as possibilidades que se abrem, em face de uma formação para os alunos das licenciaturas, aliada à formação continuada para os professores já atuantes, que ressalte a importância do aperfeiçoamento no uso do *PowerPoint* como ferramenta de construção de jogos como recurso educacional. Visto como um recurso educacional, o jogo diversifica as aulas e proporciona aos alunos a utilização de instrumentos tecnológicos. Além de diversificar as aulas que têm como objetivo apresentar a língua portuguesa como L2 dos surdos, tema de difícil abordagem, já que não possuímos ainda uma educação bilíngue largamente oferecida em nosso país, mesmo possuindo dispositivos legislativos que garantam esse direito à Comunidade Surda.

Ressaltamos que o principal desejo deste trabalho foi auxiliar os professores a desempenharem suas funções, em meio ao processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos. Por isso, apresentamos a gamificação aplicada à quiz de Libras, recurso que abre caminhos para futuras pesquisas nessa temática.

Finalizamos reiterando a necessidade de investimentos públicos que instrumentalizem as escolas que atendem estudantes surdos, para que os professores possam se formar, em direção à oferta de um ensino bilíngue de qualidade, se tornando, também os professores, bilíngues. Além disso, salientamos a importância da socialização científica de experiências como essas para que mais

docentes possam compreender diversas possibilidades formativas que tornem suas aulas mais divertidas e interativas, oferecendo esse conteúdo para que novas pesquisas sobre esse tema e assuntos satélites a essa abordagem, possam ser pesquisados por alunos, professores e profissionais que buscam novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

Alves, I. R. G., Minho, M. R. da S., & Diniz, M. V. C. (2014). *Gamificação: diálogos com a educação*. 2014. http://200.9.65.226/bitstream/fieb/667/1/gamificacao%20di%c3%a1logos%20cap.pdf.

Antonia, B. D., Fujiwara, R. I., & Marques, R. N. (2017). O jogo San San como recurso didático de apoio nas discussões sobre nutrientes reguladores no ensino fundamental. *Temas em Educação e Saúde,* 13(2), 301–316. https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/10679.

Barroso Moreira, I. M., & Lima Da Costa, W. C. (2019) Jogos de linguagem na Educação Matemática Inclusiva: um olhar a partir das linguagens dos surdos. *REMATEC*, 14(31), 49-62, http://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/187.

Bernardino, E. L. A., & Santos, E. R. dos. (2018). Ensino do português para os surdos – uma análise da prática. *In*.: Silva, I. R., Silva, M. P. M. *Letramento na Diversidade*: surdos aprendendo a ler/escrever. Mercado de Letras

Bissolotti, K., Nogueira, H. G., & Pereira, A. T. C. (2014). Potencialidades das mídias sociais e da gamificação na educação a distância. *CINTED – Novas Tecnologias na Educação*, 12(2)

Brasil. *Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.* Brasília, Resolução CNE/CP nº. 02, 2001.

Brasil. *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.* Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm.

Brasil. *Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.* Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1.

Brasil. *Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.* Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2010. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm.

Brasil. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.* Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular. Brasília,* DF, 2017. < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez- site.pdf >.

Brasil. *Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 2021*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm.

Cerqueira, B. B. De, Barbosa, D. N. F., & Mossmann, J. B. (2018). Revisão exploratória de literatura em jogos digitais voltados para estimulação do controle inibitório em crianças do ensino fundamental. *Revista Conhecimento Online,* 3, 28–40. https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1610.

Costa, M. do S. P. IV FIPED – *Fórum Internacional de Pedagogia.* Maquete como recurso pedagógico na construção do conhecimento interdisciplinar. Parnaíba, 2012. http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/71a58e8cb-75904f24cde464161c3e766.pdf

Dos Santos, J. L., & Rodrigues, M. A. T. (2018). Jogos matemáticos como ferramenta de aprendizagem no 5º ano do Ensino Fundamental. *Revista Thema,* 15(2), 371-388. https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/839.

Felipe, T. A., & Monteiro, M. (2007). Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor. *Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos*, MEC: SEEP

Fernandes, S. (2017). *Práticas de letramento em contextos de educação bilíngue para surdos. Fórum,* Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Figueiredo, M., Paz, T., & Junqueira, E. Gamificação e Educação: um estado da arte das pesquisas realizadas no Brasil. *Anais dos Workshops do IV Congresso Brasileiro de Informática na Educação* (CBIE 2015).

Gomes, R., Souza, E. R., Minayo, M. C. S., Malaquias, J. V., Silva, C. F. R., & Silva, C. F. R. O. (2010). Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. Revista Brasileira de Educação Médica

Guimarães, C. *et al.* (2018). A expressão facial é parte integrante da língua de sinais – Libras como L2. *Revista Educere* Et Educare, 13(28) Ahead of Print.

Kaminski, M. R., Silva, D. A., & Boscarioli, C. (2018). Integrando educomunicação e gamificação como estratégia para ensinar sustentabilidade e alimentação saudável no 5º ano do ensino fundamental. *Revista Prática Docente*, 3(2), 595-609 10.23926/RPD.2526-2149.2018.v3.n2.p595-609.id259. http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/259.

Oliveira, W. K. F. de, & Padilha, T. P. P. Matlibras: um jogo para crianças surdas exercitarem as quatro operações básicas da matemática. *Afluente,* UFMA/ Campus III, Dossiê Especial, 90-103, 2019. http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/11681.

Quadros, R. (1997). *Educação de Surdos:* a aquisição da linguagem. Artmed

Quadros, R. M., & Karnopp, L. B. *(*2004). Língua de sinais brasileira. Estudos Lingüísticos. *Artmed* https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf.

Quadros, R., & Karnopp, L. (2007). *Língua de sinais brasileira:* estudos linguísticos. Artmed, dados eletrônicos.

Rizzo, J. G. de S., & Pereira, R. de A. Desenvolvimento de um Jogo Educativo para Contribuir no Aprendizado da Língua Portuguesa para Alunos Surdos. *Revista: EaD & Tecnologias Digitais na Educação,* Dourados, MS, 2017 (6)5. https://www.researchgate.net/publication/323620761_Desenvolvimento_de_um_jogo_educativo_para_contribuir_no_aprendizado_da_lingua_portuguesa_para_alunos_surdos/link/5aa09e0d45851543e6384095/download.

Rocha, K. N. *et al.* (2019). Q-LIBRAS: um jogo educacional para estimular alunos surdos à aprendizagem de Química. *Revista Educação Especial,* 32, e114/ 1–14. https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/32977.

Rodrigues, C. H. (2018). Reflexões sobre o processo de ensino aprendizagem em turmas de surdos e com surdos. *In*.: Silva, I. R., Silva, M. P. M. (org.). *Letramento na Diversidade*: surdos aprendendo a ler/escrever. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras

Silva, S. G. de L. da. (2015). Consequências da aquisição tardia da Língua Brasileira de Sinais na compreensão leitora da língua portuguesa, como segunda língua, em sujeitos surdos. *Rev. Bras. Ed. Esp.,* 21(2), 275-288. https://www.scielo.br/j/rbee/a/SQqJXGjF7X5y68sZWK4jNLh/?lang=pt.

Silva, L. da. (2021). Efeito do ensino explícito no desempenho em Libras: um estudo com quatro aprendizes de L2. *Trab. Ling. Aplic.,* (60.3): 865-880 https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8664159/28009.

Silva, I. R., Kumada, K. M. O., & Amado, B. C. (2018). Libras, português e ciências para surdos: reflexões necessárias para uma prática escolar bilíngue. *In.:* Silva, I. R., Silva, M. P. M. *Letramento na Diversidade:* surdos aprendendo a ler/escrever. Mercado de Letras

Strobel, K. (2009). *História da Educação de Surdos.* Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância. https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf.

Tavares, D., & Gottschalck, D. R. S. (2019). A gamificação como ferramenta no processo de ensino aprendizagem dos alunos no curso técnico na modalidade EAD. *V COLBEDUCA – Colóquio Luso-Brasileiro de Educação.* https://www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/view/17239.

Tójar, J. C. (2006). *Investigação Qualitativa.* Compreender e Actuar. A Muralha.

Witkoski, S. A. (2017). A interface entre a família e o direito ao ensino bilíngue para sujeitos surdos: rompendo oposições binárias. *ETD-Educação Temática Digital* 19(3), 882-900. https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article

SOBRE OS ORGANIZADORES

JOSÉ CARLOS GUIMARAES JUNIOR

orcid: https://orcid.org/0000-0002-8233-2628
Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia
Universidade do Estado do Amazonas-Rede Bionorte
e-mail: proffjc65@hotmail.com, Brasil

MIRNA KAROLINE LEAL CAVALCANTI MANSO

Graduada em Administração em Comércio Exterior pela Estácio, Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau, Pós Graduada em Gestão de Projetos pelo Centro Universitário Maurício de Nassau, Pós Graduada em Comércio Internacional pela UNINTER, Pós Graduada em Fisioterapia Dermatofuncional pela UNISUAM, Mestra em Educação pela PPGE/UNISUL, Fisioterapeuta Hospitalar e Coordenadora de Estágios do Hospital Ortopédico de Maceió, Docente da Faculdade de Ciências Contábeis - SEUNE das disciplinas: Logística e Jogos de Empresas no Curso de Administração. Docente do Centro Universitário Maurício de Nassau nos cursos de Estética e Fisioterapia das disciplinas; Métodos de Avaliação, Fisioterapia em Neurologia e Fisioterapia em Saúde da Criança. Docente substituta da disciplina Comportamento Organizacional no curso de Ciências Contábeis. Preceptora de Fisioterapia do Centro Universitário Maurício de Nassau das disciplinas de Traumato - Ortopedia, Docente da Universidade Estadual de Alagoas no Proesp, Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Fisioterapia Dermatofuncional e Cosmeteologia
lattes: http://lattes.cnpq.br/1722821153379766

FRANCISCO ANDESSON BEZERRA DA SILVA

Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Católica de Santos-SP. Especialista em Micropolítica da Gestão e Trabalho em Saúde |UFF-RJ|. Especialista em Gestão das Políticas de DST, Aids, Hepatites Virais e Tuberculose |UFRN|. Especialista em Enfermagem em Urgência e Emergência, Enfermagem em Terapia Intensiva |FSM|. Aperfeiçoamento em Educação Permanente em Saúde EPS- em Movimento |UFRGS|.Graduado em Enfermagem pela Faculdade Santa Maria de Cajazeiras-PB. Atualmente exerce a função de Gerente Regional de Saúde da 10ª Gerência Regional de Saúde SES-PB. Atua na área de Gestão em Saúde, Saúde Coletiva, Saúde Pública, Saúde Assistencial, Gênero e Diversidade Social, Educação em Saúde. Pesquisador na área de Saúde Coletiva e Gestão em Saúde e Gênero e Diversidade Social.
orcid: https://orcid.org/0000-0001-9957-612X
e-mail: andessonbr@hotmail.com
lattes: http://lattes.cnpq.br/1848928950322135

FRANCISCO CARNEIRO BRAGA

Doutorando em Educação pela Universidade Estácio de Sá. Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 2021). Especialista em Docência do Ensino Superior pela (ICETEC, 2018) e Educação Matemática (FASP, 2015). Pedagogo pela Faculdade Geremário Dantas (2016). Graduado em Ciências/habilitação em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2014). Tem experiência na área de Matemática, Pedagogia e Ciências com ênfase no Ensino Prisional e Gestão administrativa privada. Pesquisador em Ciências da Educação com ênfase no Sistema Prisional de Ensino. Integrante dos grupos de pesquisa: GEPAPe (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Atividade Pedagógica - USP), TedMat (Teoria do Ensino Desenvolvimental na Educação Matemática) e GPEMAHC (Grupo de Pesquisa em Educação Matemática uma Abordagem Histórico-Cultural).

HELLYEGENES DE OLIVEIRA

Doutorando em Educação pela Universidade Estácio de Sá - UNESA. Mestre em Educação Pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (2021.2), especialista em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária pela Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos e solidários da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (2013.1). especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Integrada de Patos - FIP (2011.1). Possui graduação em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação de Cajazeiras - ISEC (2010.2), graduado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá - UNESA (2021.2). Membro do grupo de pesquisas em Infância, gênero e Sexualidade - GEDIG. Possui experiências profissionais nas áreas de orientação, coordenação pedagógica e administração escolar. Professor da rede pública municipal de ensino nas cidades de Ipaumirim- CE e Sousa - PB.

e-mail: hellyegenes@hotmail.com

ROBERTO LOPES SALES

orcid: https://orcid.org/0000-0003-3656-6797

Mestre em Educação, pela Universidade do Sul de Santa Catarina, campus Tubarão SC.

e-mail: robertolopessales@hotmail.com

lattes: http://lattes.cnpq.br/1286408274661302

MARIA FABIANA DE LIMA SANTOS LISBOA

orcid: https://orcid/0000-0001-6147-1699

Mestre em educação - UNISUL.

Possui graduação em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Maceió (2010). Especialista em educação inclusiva (CESMAC); Especialista em saúde mental com ênfase nos TEA (INESP); Especialista em educação na perspectiva do ensino estruturado para autistas (UNINTER); Especialista em Neuropsicologia clínica (Faculdade Redentor) e Mestra em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Formação em Análise do comportamento aplicada (INESP); Formação no programa TEACCH pela University of North Carolina em Chapel Hill/USA. Atualmente é psicóloga clínica e supervisora do setor de psicologia da APAE Maceió, supervisora técnica da Federação Alagoana das APAES, coordenadora geral e responsável técnica do Centro Unificado de Integração e Desenvolvimento do Autista- CUIDA/APAE, psicóloga e neuropsicóloga Infanto-juvenil na Clínica Evoluir Espaço Terapêutico. Autora do recurso TEA identificação e Psicoeducação, pela editora Cantinho do Psicólogo. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento Humano, autismo, transtornos do desenvolvimento e Avaliação Neuropsicológica.

e-mail: lisboa_fabiana@hotmail.com

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Anderson Francisco Vitorino
Doutorando em Educação-Universidade Federal do Paraná.
E-mail: anderson.vitorino@arapiraca.ufal.br
Orcid: https://orcid.org/ 0000-0002-1826-283X

Antônio Ciro Pereira Soares
Licenciatura em Ciências Biológicas - UECE.
E-mail: persoresciro@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3656-6797

Antônio José Araújo Lima
Universidade Federal do Maranhão, Brasil.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil.
E-mail: antonio.jose@ifma.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0476-1467

Bruna Leticia Cagalli de Mello
Licenciada em Ciência Biológicas- Fio, Pós Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clinica – Faculdade Dom Bosco- Em Educação Especial com ênfase em autismo- Faculdade Dom Bosco- Em Neuroeducação - Faculdade Descomplica- Cursando Segunda Licenciatura em Pedagogia- Faveni.
E-mail: brunaleticia_mello@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4274-4019

Charle Ferreira Paz
Mestrando em educação.
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí-IFPI.
E-mail: charle.paz@ifpi.edu.br, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1894-6438

Erliandro Felix Silva
Mestrando em Profissional Educação e Profissional Tecnologia - ProfEPT - Campus Porto Alegre(RS).
E-mail: leandro.felix1980@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3943-7114

Francisco Carneiro Braga
Mestre em Educação, pela Universidade do Sul de Santa Catarina, campus Tubarão- SC, Brasil.
E-mail: franciscocarneirob@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4275-8122

Fernando Augusto de Lima Oliveira
Atualmente está no Estágio Pós-Doutoral na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, na perspectiva do ensino de Língua Portuguesa, através da aplicação de materiais concretos/manipuláveis, realizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade Federal do Pará, com bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ/CNPq), Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, sob a perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação Linguística. Possui Graduação em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal de Alagoas, é professor da Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns; líder do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística - GEADLin (CNPq/UPE) e Professor Permanente do Mestrado Profissional - PROFLETRAS UPE/Garanhuns.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8739-2825

José Carlos Guimaraes Junior
PhD in Biodiversity and Conservation.
Amazonas State University – Bionorte Network.
E-mail: Profjc65@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8233-2628

Janaína Arruda Marques
Mestrando em Linguística pela Unitau.
Especialista em Docência e Interpretação em Libras pela Unintese.
Curso de Extensão em Educação Especial Inclusiva.
Pós Graduada em Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação Básica UFJF.
Graduando em Letras Libras Bacharelado pela Unioeste.
Licenciada em Letras Inglês pela Universidade Estácio.
E-mail: jisamarques163@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/ 0000-0001-9600-9373

Jefferson Davi Ferreira dos Santos
Mestre em Contabilidade pela FUCAPE BUSINESS SCHOOL.
Capitão-Tenente (IM) da Marinha do Brasil.
E-mail: jefferson_davi@hotmail.com, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4753-5526

Jean Carlos Triches
Especialista em Educação e Segurança Humana pela Unochapecó - Universidade Comunitária da Região de Chapecó.
Professor da FAOSC - Faculdade do Oeste de Santa Catarina.
E-mail: jean.triches@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7127-0193

Katia Regina Araújo de Alencar
Mestre em Desenvolvimento Sustentável/CDS/UnB.
E-mail: katiadealencar@gmail.com, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5800-3197

Paulo Roberto Ribeiro Marinho
Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.
E-mail: roberto.marinho@unesp.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3661-7251

Pablo Luiz Martins
Doutor em Ciências da Linguagem.
Professor da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ.
E-mail: pablo@ufsj.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1640-6190

Roberto Lopes Sales
Mestre em Educação, pela Universidade do Sul de Santa Catarina, campus Tubarão SC.
E-mail: robertolopessales@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3656-6797

Ruth Trindade Ferreira
Bacharel em Administração-Universidade do Estado do Amazonas-UEA.
Especialização em Auditória Contábil, Fiscal e Tributária pela Faculdade La Salle - Amazonas.
E-mail: rferreira34.87@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8959-1665

Valquíria Ferreira Ribeiro
Formada em Letras Libras - UFRJ, Pós graduação Interculturalidade e Descolonização na Educação de Surdos - Ines; Curso de Formação do Profissional em Interpretação e Tradução para Surdos - UFCA, professora de Libras - INES, assistente em Educação de Surdos - Duque de Caxias.
ORCID: https://orcid.org /0000-0002-0556-2374
E-mail: vfrval@gmail.com

Welligton Santos de Paula
Mestrando em Educação Bilíngue de Surdo pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos -INES/RJ.
E-mail: wellufrj@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0577-8087

William Velozo Francioni
Universidade de Taubaté, Brasil
E-mail: w.francioni@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0362-8656

www.arcoeditores.com
contato@arcoeditores.com
(55)99723-4952

ARCO
EDITORES